

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS**  
**DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS**  
**CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS**

**O HIV/AIDS NA REVISTA VEJA NA DÉCADA DE 1980**

**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**LIZANDRO LUI**

**SANTA MARIA, RS, BRASIL**

**2013**

**O HIV\AIDS NA REVISTA VEJA NA DÉCADA DE 1980**

**Por**

**Lizandro Lui**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS) como requisito parcial para obtenção do grau de

**Bacharel em Ciências Sociais.**

**Orientador: Prof. Dr. Francis Moraes de Almeida**

**Santa Maria, RS, Brasil**

**2013**

**Universidade Federal de Santa Maria**

**Centro de Ciências Sociais e Humanas**

**Curso de Ciências Sociais**

**A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova a monografia:**

**O HIV/AIDS NA REVISTA VEJA NA DÉCADA DE 1980**

**Elaborada por**

**Lizandro Lui**

**Como requisito parcial para a obtenção de grau de Bacharel em Ciências Sociais**

**COMISSÃO EXAMINADORA:**

---

**Francis Moraes de Almeida, Prof. Dr.**

**(Presidente/Orientador)**

---

**Reginaldo Teixeira Perez, Prof. Dr. (UFSM)**

---

**Veneza Mayora Ronsini, Prof. Dr. (UFSM)**

**Santa Maria, 17 de dezembro de 2013.**

## **RESUMO**

**Monografia de Graduação**

**Curso de Bacharelado em Ciências Sociais**

**Universidade Federal de Santa Maria**

**O HIV\AIDS NA REVISTA VEJA NA DÉCADA DE 1980**

**Autor: Lizandro Lui**

**Orientador: Francis Moraes de Almeida**

**Data e Local da Defesa: Santa Maria, 17 de dezembro de 2013.**

Resumo

A pesquisa tem como objetivo investigar de que forma a revista Veja apresentou o surgimento, a disseminação e os primeiros casos de HIV\AIDS na década de 1980. Trabalha-se aqui com o conceito de Pânico Moral desenvolvido por Goode e Ben-Yehuda (2009) para compreender quais elementos que a revista relacionava à AIDS e como esses se ligavam ao imaginário de medo, preconceito e sexualidade. Dentre eles pode-se colocar aqui o de “enigma que mata”, “peste gay” e “O Mal”.

Palavras chaves: AIDS, Revista Veja, Pânico Moral.

## **Abstract**

The research aims to investigate how the magazine *Veja* showed the emergence, dissemination, and the first cases of HIV \ AIDS in the 1980s. We work here with the concept of Moral Panic developed by Goode and Ben-Yehuda (2009) to understand which elements of the magazine related to AIDS and how this is linked to the imaginary fear, prejudice and sexuality. Among them, we can put here to "puzzle that kills", "gay plague" and "The Devil".

Key words: Aids, Moral Panic, *Veja* Magazine.

## **SUMÁRIO**

<b>RESUMO.....</b>	<b>4</b>
<b>ABSTRACT.....</b>	<b>5</b>
<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>7</b>
<b>Capítulo 1: O aparecimento da AIDS.....</b>	<b>10</b>
<b>Capítulo 2: Do enigma ao mal: A AIDS na década de 1980 na revista Veja.....</b>	<b>31</b>
<b>Considerações finais.....</b>	<b>50</b>
<b>Bibliografia.....</b>	<b>52</b>

## Introdução

As epidemias transitam, de maneira geral, entre as instâncias biológicas, individuais e sociais dos indivíduos. Em meio a essa tríade, é difícil perceber onde ficam as fronteiras entre elas ou mesmo se elas existem. A pesquisa tem como objetivo compreender de que forma a revista *Veja*<sup>1</sup> apresentou o surgimento do HIV\AIDS<sup>2</sup>, bem como os portadores do respectivo vírus na década de 1980. Para tal, serão consideradas algumas edições que, na década de 1980, trazem a AIDS como tema das reportagens.

A importância de tal estudo é de contribuir para a compreensão de como os meios de comunicação apresentam discursos que envolvem temas de saúde coletiva, descobertas científicas, estigma e moral sexual. A proximidade entre esses campos de estudo se observa pelo fato de que a descoberta de um organismo biológico provoca uma rede de efeitos não apenas entre a comunidade científica, mas também entre a sociedade civil e que, os veículos de comunicação de massa são as grandes pontes existentes entre o âmbito da ciência e a população.

Para tal, será pontuado primeiramente o contexto histórico da década de 1980 e de que forma historicamente algumas epidemias foram compreendidas. Inspirado no método genealógico, postulado por Foucault em diferentes obras, tentar-se-á compreender as notícias apresentadas pela revista *Veja* sobre o HIV\AIDS após seu aparecimento. Ou seja, a análise do processo de produção de discursos que se produziram em torno do tema, a partir de continuidades e ressurgências históricas, ou mais especificamente, que elementos eram relacionados à AIDS na revista *Veja*.

Em seguida, tomar-se-á como foco as primeiras notificações sobre a doença que afetou homossexuais nos Estados Unidos e as especulações publicadas neste período que marcam o advento do descobrimento do vírus. Primeiramente, foi notificado em meados de 1981, o vírus que causa a imunodeficiência humana nos Estados Unidos pelo jornal *NY Times*<sup>3</sup>. Após a descoberta da existência do vírus também na Europa, ocorre no Brasil outro

---

<sup>1</sup> A revista *Veja* é uma revista semanal de grande circulação no território brasileiro.

<sup>2</sup> O correto na língua portuguesa é SIDA, síndrome da imunodeficiência adquirida, mas adoto o termo em inglês AIDS por ser mais comum no dia a dia.

<sup>3</sup> Rare Cancer Seen in 41 Homosexuals

<http://www.nytimes.com/1981/07/03/us/rare-cancer-seen-in-41-homosexuals.html>

momento: o da ansiedade da mídia em notificar o aparecimento da doença no território nacional e também as primeiras vítimas. A AIDS foi referida pelos jornais inicialmente como “peste gay”.

Revestida de medo, incertezas e alimentada por preconceitos a AIDS tomou através dos veículos midiáticos, proporções que autores como Thompson (1998) identificam como pânico moral. Na presente pesquisa, isso não será tomado como hipótese, mas o modelo de classificação de pânico moral criado por Goode e Ben-Yehuda (2009) auxiliará na discussão sobre a questão. Pânico moral é uma categoria que parte de uma postura crítica em relação à mídia e a forma com que esta retrata as mudanças sociais correntes que geram novos problemas e desafios para a sociedade civil e o Estado principalmente. O primeiro motivo de haver pânico moral em torno da AIDS é o fato do vínculo direto da infecção com práticas sexuais homossexuais. Thompson (1998) e Goode e Ben-Yehuda (2009) representam os principais expoentes dessa linha teórica, tendo Thompson (1998) debatido exclusivamente sobre pânico moral em torno do HIV/AIDS. Para utilizar esse tipo de ferramenta analítica, parte-se da hipótese que houve a formação de medo coletivo na divulgação de notícias pela revista *Veja* na década de 1980 quando se trata da apresentação do HIV/AIDS, principalmente em relação aos indivíduos homossexuais visto que, a doença foi nomeada de “peste gay” e posteriormente de “O Mal”. Por isso, a análise de conteúdo de cunho qualitativo apontará de que forma isso ocorreu a fim de dar sustentação a teoria aqui utilizada.

Será feita a análise de conteúdo das reportagens que estão disponíveis no próprio acervo virtual da revista. Pretende-se investigar de que forma ocorreu a construção da imagem dos portadores do vírus da AIDS pela revista *Veja* e de que ordem eram os argumentos elencados pela revista em questão para caracterizar o portador de tal síndrome.

Na mesma linha argumentativa, Galvão (2000, p.50) classifica as matérias da mídia brasileira como preconceituosas e moralistas, por que não conseguiam enxergar além dos números de pessoas doentes. A ligação entre homossexualidade e AIDS era o que a autora chama de denominador comum das matérias no período 1981-1982. Entretanto a aproximação entre essas duas variáveis não se restringiu somente aos anos iniciais. Em todas as reportagens da revista *Veja* desta década sobre a AIDS, tinha algum tipo de ligação, menção ou alusão à homossexualidade.

No primeiro capítulo será discutido o contexto histórico em que a AIDS surgiu, bem como será feita uma discussão com autores que discutem o medo das epidemias, teorias sobre sexualidade humana e os primeiros estudos elaborados por cientistas sociais que discutem sobre a AIDS. No segundo capítulo, serão consideradas as reportagens da revista Veja que trazem a AIDS como assunto e será feita a discussão com base na teoria do Pânico Moral.

# CAPÍTULO 1

## O aparecimento da AIDS

Toda a doença é revestida de historicidade, e deve-se atentar para esse fato. Desde as conjecturas de Hipócrato, passando por benzeduras até chegar à modernidade - Era da ciência-, as doenças sempre foram alvo de especulações, terapias e verdades. Primeiramente, será debatido a respeito da história social da tuberculose e será traçado um paralelo com a AIDS, a fim de mostrar, como duas epidemias que surgiram em diferentes pontos da história se relacionam no que tange o medo de contaminação e as especulações de ordem moral a respeito dos infectados.

Pode-se identificar no trabalho de Bertolli Filho (2001) no qual o autor fala da história da tuberculose que a doença sempre esteve em debate desde os gregos até a contemporaneidade. Desde o desprendimento, pelo menos parcial, das leis divinas e do conhecimento revelado para a aceitação dos princípios cartesianos lógicos e racionais os processos de produção e legitimação de verdades sobre a origem, causas e curas das doenças, sempre estiveram em pauta nas discussões.

Descrevendo a história da tuberculose Bertolli Filho (2001) resgata desde obras literárias até depoimentos registrados em diários para mostrar como essa doença, vulgarmente conhecida como “peste branca”, era entendida na Europa nos séculos XVIII e XIX. Por mais letal que tenha sido, a tuberculose não atribuía culpa aos seus infectados no que se refere à própria infecção, ou seja, ninguém era considerado culpado porque contraiu tuberculose, fenômeno que será visto nos casos iniciais do HIV. As pestes, assim como as pessoas têm vida social, são fatos sociais ao passo que carregam historicidade, conceitos e pré-conceitos, medo, generalidade, exterioridade, coercitividade, culpa, modismo, etc. por isso, o desenvolvimento de pesquisas que visam por compreender tais fenômenos sociais, no caso o impacto e a interpretação que a sociedade elabora a respeito das epidemias se mostra importante. As palavras latinas "pestes" e "pestilentia" são usadas para indicar qualquer doença com mortalidade elevada que acomete um grande número de pessoas ao mesmo tempo, sem indicar, obrigatoriamente, a doença em questão (BARATA 1987, p.9).

Bertolli Filho fala do estado de indignação sofrida pelos infectados da “peste branca” (tuberculose) e do precário sistema de saúde que era oferecido aos doentes. Outra questão de ordem ontológica se abatia sobre os fímatosos, segundo o autor a doença trazia consigo um processo descacterizador em relação ao infectado e a entrada na instituição de saúde acarretava num forte abalo psíquico e emocional. Havia a sensação de angústia por parte dos infectados como é visto nos depoimentos elencados pelo autor. Segundo Bertolli Filho (2001, p.192)

A sensação de que nada poderia ser feito para corrigir o rumo que a existência tomara coagia os fímatosos a buscarem relacionar o tempo pretérito vivido com o presente infectado, traçando pistas esclarecedoras dos motivos que os haviam confinado no território desolador da peste. Era o momento em que cada um dos infectados se defrontava, solitariamente, com a pergunta: “quem sou eu?”. ‘Quem sou eu?’ Terrível equação a ser resolvida pelos físicos. Nos depoimentos orais e escritos, essa pergunta aflora como enigma sempre presente, impondo aos consuntivos a busca de respostas avaliadoras de suas tramas de vida e da própria condição de pectário. A necessidade de comparação entre as condições físicas e morais do tuberculoso e a de outros membros do grupo infectado é uma constante, pontuando as declarações dos antigos fímatosos.

Se na Idade Média e Clássica, conforme Richards (1993) portar certas doenças era sinônimo de castigo divino, punição por mau comportamento, degeneração moral, vergonha e constrangimento público, na década de 1980 ocorreu a mesma situação em torno da AIDS. Houve o que Foucault chamou de continuidades e ressurgências, elementos foram importados de outros contextos históricos para dar significação à AIDS, aos seus infectados, entre eles o conceito de “peste”.

Ainda em relação a tuberculose, Sontag (2007, p.38) esclarece que, “apesar da tuberculose ser atribuída a pobreza e a insalubridade, pensava-se que era necessária certa predisposição interior para contrair a doença. Médicos e leigos formavam uma personalidade típica da tuberculose.” Essa personalidade, pensada em tipos ideais, pode ser pensada em burgueses literários, aspecto pálido e deprimido. Levando em conta a obra de Michel Foucault, Os anormais (1974, 2001) o autor fala que, quando uma “anormalidade” surge (no caso, o HIV e seus infectados) a construção social da doença que se faz no imaginário popular se baseia em continuidades e ressurgências de outros tipos de anomias que existiram no decorrer da história.

Em relação a predisposições morais para contrair doenças, destaca-se o tratado de Morel sobre as degenerescências físicas, morais e intelectuais publicado em Paris em 1857.

Na classificação das doenças mentais, Morel pretendia dar uma explicação causal contrariando os postulados da época que se prendiam em explicações sintomáticas. A contribuição de Morel nessa discussão é baseada na sua proposta sobre as degenerescências derivadas da imoralidade. Aponta Caponi (2012, p.86) que o autor francês tomava como ponto de partida a relação entre o físico e o moral, numa rede causal que começa das degenerações físicas que derivam das degenerações morais. Atenta-se para o fato de que, tanto a tuberculose quanto a AIDS relacionavam os conceitos de predisposição moral para adquirir certas enfermidades. Não se trata de causa e consequência, mas propensão.

Susan Sontag se destacou nas reflexões sociológicas sobre a AIDS, anteriormente a própria epidemia, ela escreveu em 1978 “A doença como metáfora<sup>4</sup>”. Esse livro consistia, a princípio, numa reflexão a respeito da caracterização social de doenças como câncer, tuberculose e sífilis. A autora relata que a inspiração para o livro foi precisamente após a descoberta de que ela estava sofrendo de um câncer, quando ela considerou necessário refletir sobre os significados sociais da doença. Dez anos depois Sontag adiciona um segundo capítulo ao livro, chamado “A AIDS como metáfora”, livro que, de certa forma a autora complementa o que já havia começado<sup>5</sup>.

O primeiro ponto a ser destacado na obra de Sontag (2007) assim como o de Caponi (2012) é que uma doença aponta qual é o estilo de vida e comportamento do seu portador. Por muito tempo a tuberculose<sup>6</sup>, foi relacionada a pessoas melancólicas, românticas, poetas, entristecidas ou com “excesso de paixão” e que levavam uma vida boemia. Assim como o câncer de pulmão remete alguém que fuma em demasia ou a obesidade a alguém que come em grande quantidade, a AIDS foi relacionada à atividade sexo homossexual promíscua. Aponta também Sontag (2007, p.30) que dentre os burgueses britânicos do século XIX era sofisticado ter um aspecto doentio<sup>7</sup>, era rude comer com entusiasmo, a tuberculose

---

<sup>4</sup> A autora buscou inspiração na Poética de Aristóteles, segundo o pensador grego, metáfora consiste em dar a uma coisa o nome de outra (Sontag 2007, p.81).

<sup>5</sup> Afastar as metáforas sobre a AIDS é segundo a autora, o principal objetivo da obra. Não só afastar as metáforas, como também criticá-las, atacá-las e desgastá-las torna-se o motivo da discussão.

<sup>6</sup> Além disso, a tuberculose é relacionada a doença de um órgão, os pulmões e o câncer é entendido como algo que pode surgir em qualquer parte do corpo. Em relação a AIDS, é relacionada à porta de entrada no vírus no corpo, no caso, a parte genital.

<sup>7</sup> A romanização da tuberculose foi apenas uma transfiguração literária e artística do que foi considerado o grande mal do século XIX. Mas como o trabalho da autora é investigar as Metáforas relacionadas às doenças, é interessante ver como a tuberculose foi representada. No caso, o tuberculoso passada por um julgamento

passou a ser um modo de se apresentar nas altas classes. Estritamente falando a AIDS<sup>8</sup> não é uma doença, mas um estado clínico que torna vulnerável o seu portador a uma série de doenças. Há toda uma variedade de sintomas que incapacitam, desfiguram e humilham o paciente, tornando-o cada vez mais fraco e indefeso (SONTAG, 2007, p.93).

Em relação à atribuição de culpa social por contrair a doença, a AIDS se tratou, inicialmente, de uma epidemia que seu aparecimento não gerou dúvidas em relação ao modo de como a pessoa a adquiriu. Na segunda metade da década de 1980, a revista *Veja* usou o termo “O Mal” para caracterizar a AIDS. A relação entre degeneração moral, associada à alegada promiscuidade típica das condutas homossexuais, e doença (AIDS) era clara. Em relação aos HSH (homens que fazem sexo com homens, mas não compartilham<sup>9</sup> uma identidade gay) a doença expunha uma sexualidade que, até então poderia ter se mantida escondida. Costa (2009) argumenta no que diz respeito às populações que são consideradas prioritárias no combate a AIDS, os HSH ocupam um local central. Primeiramente, aponta Costa que há uma distinção entre identidade sexual e papel sexual, no caso dos HSH, não existe a identificação com o fato de ser homossexual e sim, apenas diz respeito ao papel sexual que o sujeito assume.

A AIDS causou também um grande impacto na medicina. Os médicos, de forma geral até então, nunca estiveram tão certos de sua capacidade de curar. Exames precisos, aparelhos cirúrgicos de alta precisão, investimentos estatais para pesquisas, enfim, toda uma gama de instrumentos eleva a medicina ser considerada uma grande ciência do pós-guerra. Mas o advento da AIDS deixou claro que as doenças infecciosas estavam longe de ser extintas e que seu repertório ainda não se esgotou. Uma das características que marca a peste é segundo Sontag (2007) é a correlação entre doença e castigo. A peste é invariavelmente uma condenação do coletivo por algo que um grupo específico provocou. Então, conforme esse raciocínio, a AIDS foi considerada peste por que relacionava excessos sexuais e descuido por parte da maioria dos infectados para com seu corpo. A ideia de doença servindo como castigo e sexualidade relacionada com pecado é oriunda da moral cristã. As doenças mais

---

psicológico, no caso da sífilis um julgamento moral. No caso do trabalho aqui proposto, é interessante perceber por que também interessa ver a apresentação que os meios de comunicação fizeram da AIDS.

<sup>8</sup> Com a AIDS, assim como o câncer não houve uma idealização romântica em respeito à pessoa, talvez por que, ambas as doenças remetem em muito o caráter de morte e degeneração do corpo.

<sup>9</sup> Neste aspecto, a pesquisa de Costa (2009) contribui para o debate aqui proposto.

temidas não são necessariamente as fatais, mas as que transfiguram o corpo, as que causam vergonha por portá-la.

Na segunda Era de Ouro<sup>10</sup> do século XX a ciência (no caso a medicina, mas não somente) estava segura que, em pouco tempo iria proporcionar a cura das doenças e o aumento efetivo da qualidade de vida das pessoas. A colocação de Christopher (1950) relatava não somente esse espírito da época, mas também proporciona a visão de como a AIDS feriu o ego dos cientistas. Segundo Christopher (1950, p. 67-68):

Daqui meio século será raro encontrar algum indivíduo doente. O atual avanço da medicina e da equidade entre os povos, independente da raça ou da ideologia, permitirá que todos os homens comunguem o credo da ciência, dos hábitos higiênicos e da diligência em relação a seus corpos e ao número de filhos que poderão ter. [...] O fantasma do super povoamento da terra dará vez à administração equilibrada dos nascimentos e da distribuição dos indivíduos no espaço geográfico; não haverá nem fomes nem guerras. [...] No novo tempo que estamos inaugurando, o nível de saúde de um habitante da África selvagem será pouco diferente do de um morador de Nova Iorque. Depois dos anos tormentosos que acabamos de passar, o destino de todos será regido pela paz, pela solidariedade entre as nações, pelo apego aos ensinamentos científicos. O mundo caminhará em sua rota de progresso sob a égide da Ciência, que saberá reunir conhecimento e humanismo sob uma forma sólida e inovadora.

Historicamente, foi comum a formação de pânico quando surgia uma nova doença. Delumeau (2009, p.154) indica que foi principalmente entre os anos 1348 a 1720 o período onde ocorreram mais contágios de doenças. O autor elenca algumas como varíola, disenteria, gripe pulmonar, etc. Ceifando quase a terça parte da população europeia, a peste negra apareceu quase anualmente em várias partes da Europa, e segundo o autor provocou um estado de nervosismo e de medo. Segundo Delumeau (2009, p.204):

De quem era a culpa? O movimento primeiro e mais natural era de acusar outrem. Nomear culpados era reconduzir o inexplicável a um processo compreensível. Era também por em ação um remédio, impedindo os semeadores de morte de continuar sua obra nefasta. Mas é preciso descer a um nível mais profundo: se a epidemia era uma punição, era preciso procurar bodes expiatórios que seriam acusados inconscientemente dos pecados da coletividade. (...) não há relato de peste que não evoque essas violentas descargas coletivas (...) Os culpados potenciais, sobre os quais volta-se a agressividade coletiva são todos aqueles que não estão bem integrados a comunidade.

Da mesma forma, a década de 1980 vivia o declínio do que Hobsbawn (1995) chama de segunda Era de Ouro ou Segunda *Belle Époque*. Aumento da taxa de divórcios, relações extraconjugais de ambos os lados<sup>11</sup>, de mães solteiras, da criminalidade e

---

<sup>10</sup> Termo retirado da obra de Hobsbawn (1995).

<sup>11</sup> Aproveitando-se aqui dos contraceptivos que evitavam gestações indesejadas.

delinquência juvenil, uso de drogas e novos estilos musicais como o Rock and Roll enfraquecia a moral social vigente nos anos de ouro pós-segunda guerra<sup>12</sup>. O Welfare State<sup>13</sup> dava mostras de esgotamento e uma nova época de incertezas, crise moral e econômica surgia. O descobrimento do vírus da AIDS causou um impacto social e aumentou ainda mais a angústia dos que sonhavam com a volta da segunda Era de Ouro. Retomando o argumento de Delumeau (2009) os culpados potenciais são todos aqueles que não estão integrados à sociedade. Logo, a busca de explicação e a criação de bodes expiatórios se tornam uma maneira da sociedade se sentir menos aflita pelos desconfortos que ocorrem, transferindo a culpa para os “anormais”. Dessa forma, homossexuais e usuários de drogas foram os responsáveis por disseminar o vírus da AIDS inicialmente.

### **A teoria do Pânico Moral**

O pânico moral é, antes de tudo, uma categoria analítica que se reporta a um fenômeno coletivo. Primeiramente, pretende-se discutir sobre essa categoria<sup>14</sup> ainda pouco trabalhada no Brasil e que se mostra uma via interessante para compreender fenômenos que envolvem mídia, medo e pânico coletivo associado a grupos marginalizados. Atualmente, a obra de Goode e Ben-Yehuda (2009) tornou-se a grande referência acadêmica na temática. Esse conceito foi desenvolvido dentro da academia primeiramente em 1972 por Stanley Cohen que tinha influência teórica do Interacionismo Simbólico da Escola de Chicago.

Dessa forma, para caracterizar um fenômeno, no caso a apresentação da AIDS pela revista *Veja* como pânico moral é preciso que este se enquadre em algumas categorias que são apresentadas por Goode e Ben-Yehuda. Consistem em: ansiedade, hostilidade em relação a um grupo específico, delineação de estereótipos e consenso, desproporção e volatilidade. Conforme<sup>15</sup> Cohen apud Goode e Ben-Yehuda (2009, p.23):

Uma condição, episódio, pessoa ou grupo de pessoas emerge para se tornar definido como uma ameaça aos valores e interesses da sociedade, a sua natureza é apresentada de uma forma estilizada e estereotipada pelos meios de comunicação, as barricadas morais são manejadas por editores, bispos, políticos e outras pessoas de

---

<sup>12</sup> Outro fato, este restritamente norte-americano foi a derrota dos Estados Unidos na Guerra do Vietnã e o desgaste e tensão de ordem política que a guerra fria causava naquele momento.

<sup>13</sup> Sigla em inglês para “estado de bem estar social”.

<sup>14</sup> O pânico moral não foi um conceito criado especialmente para a AIDS. Surgido como tema principal de uma obra sociológica em 1972 para debater de que forma a sociedade reagia aos roqueiros e aqueles que transgrediam os padrões morais vigentes.

<sup>15</sup> Todas as traduções foram feitas pelo autor da pesquisa.

boas intenções que estão socialmente habilitados a pronunciar seus diagnósticos e soluções;(...) Às vezes, o assunto do pânico é tem um certo nível de romance e em outras vezes é algo que tenha existido por muito tempo, mas de repente aparece no centro das atenções. Às vezes, o pânico passa e é esquecido, exceto no folclore e na memória coletiva, em outros momentos ele tem mais grave e tem longa duração e repercussões e poderia produzir tais mudanças como as da política jurídica e social, ou mesmo na forma como a sociedade concebe a si mesmo.

Seria anacronismo afirmar que a mídia é a causadora do pânico moral. Durante a Idade Média até o advento da modernidade, uma infinidade de pragas, pestes e infortúnios ocorreram no mundo e foi motivo de pânico. Richards (1993) aponta que a primeira onde de pânico moral pode-se considerar a virada do primeiro milênio depois de Cristo na Europa porque achavam que o mundo iria acabar. A peste negra, bubônica e a reforma protestante também são citadas por Delumeau (2009) como grandes eventos de medo coletivo, e de certa forma, pode ser considerado pânico moral. No caso da peste negra, aponta Delumeau (2009) que os judeus foram acusados de disseminar a doença, assim sendo, os judeus constituíram um grupo que atualmente, pode-se considerar como vítimas do pânico moral. Goode e Ben-Yehuda (2009) demonstram-se muito criteriosos ao definir o que caracteriza o pânico moral a fim de que exista rigor nas pesquisas que visam trabalhar no assunto. Um dos principais elementos que marcam o pânico moral é, para os autores, a presença de ansiedade e/ou preocupação e medo, hostilidade, certeza da origem da “ameaça” e delimitação de estereótipos (no caso para os potenciais agressores da ordem vigente). As características abaixo sintetizam o conceito de pânico moral, segundo Goode e Ben-Yahuda (2009, p.49).

Vamos reiterar os fundamentos do conceito de pânico moral. Primeiro, temos cinco componentes ou elementos do pânico moral: (1) preocupação ou medo, (2) a hostilidade contra os “folks devils”; (3) um certo nível de consenso sobre a natureza da ameaça, (4) uma desproporção entre a preocupação e a ameaça, e (5) um certo grau de volatilidade da preocupação, uma qualidade evanescente ou vindo-e-vem que não caracteriza mais ameaças em curso.

Na presente pesquisa, preferiu-se não traduzir o conceito folks devils proposto pelos autores pelo fato do termo em português (povo do diabo) não contempla o sentido do termo proposto pelos autores. O pânico moral não deve ser tomado totalmente como negativo, é preciso também reconhecer seu caráter alarmante que, ao atingir a população em geral, torna o assunto importante no debate político e incentiva o poder público sair do estado inercial. Mobiliza também civis que, na forma de ONGs, no caso da AIDS no Brasil como aponta Galvão (2000), contribui para a conscientização do problema. Em resumo, o pânico moral ocorre por que as mudanças e problemas sociais que vão aparecendo são atribuídas aos novos

grupos que não necessariamente se baseiam nos preceitos morais do discurso social dominante. Se de um lado existe há uma espécie de saudosismo dos antigos costumes, de outro há problemas sociais que surgem em decorrência das mudanças de comportamento das pessoas. Atualmente, após o desenvolvimento dos conceitos metodológicos de Goode e Ben-Yehuda pode-se rever de que forma a epidemia foi apresentada pelo meio de comunicação em questão e melhorar as técnicas de avaliação de análise de conteúdo midiático. Segundo Goode e Bem-Yehuda (2009, p.33):

O pânico moral tem provado ser um conceito durável e útil, (...) Uma das razões para o sucesso do conceito é que é central no que se refere a uma luta de representações culturais, ou seja, onde a corrente principal respeitável da sociedade deixa de fora e as margens ou "outsiders" começam a aparecer. O pânico moral divide a sociedade em "eles" e "nós", desviantes e os cidadãos cumpridores da lei. Quem tem poderes para representar quem somos e como devemos ser representado? Michel Foucault, influente filósofo francês, refere-se à capacidade de definir a realidade como práticas discursivas, argumentando que os especialistas - incluindo psiquiatras e agentes de controle social - exercem autoridade sobre a nossa maneira de nomear e discutir questões, problemas e condições e, portanto, o que fazemos e pensar sobre eles (1999). O pânico moral aborda essas e outras questões.

Goode e Ben-Yehuda (2009) definem como a primeira e a principal característica do pânico moral a ansiedade. Particularmente nesta investigação, esse componente é identificável nas reportagens da revista *Veja*, sendo como o medo da proporção que a AIDS iria alcançar com o passar do tempo, e a partir de 1988 as reportagens trazem a preocupação que as pessoas heterossexuais também estariam sujeitas a contrair o vírus, este que até então estava restrito apenas aos homossexuais. Neste aspecto a categoria “Nós e Eles” é claramente identificável: até o momento em que a epidemia atingia os “outsiders” não existia tanto preocupação moral, mas quando esta passou a representar uma ameaça para todos, a preocupação aumentou significativamente.

Outro ponto que os autores pontuam é a delineação dos estereótipos dos causadores do transtorno social. O aspecto é a questão da hostilidade que o grupo do qual é atribuído o problema social atrai. Como aponta os autores, não apenas é claro o problema que o grupo causa como também são identificáveis os indivíduos que o provocam. Nota-se também que o agente causador desse “stress” social é tratado pelos autores como “enemy” (inimigo) por ameaçar os valores e os interesses da sociedade. Conforme os autores Goode e Ben-Yehuda (2009, p.38):

Deve haver um aumento do nível de hostilidade para com o grupo ou categoria considerada como engajar-se em comportamento ou causar a condição social em

questão. Os membros dessa categoria são coletivamente designados como inimigo, ou um inimigo da respeitável sociedade seu comportamento é visto como prejudicial ou ameaçando os valores, os interesses, possivelmente, a própria existência da sociedade, ou pelo menos um segmento considerável do que é a sociedade. Ou seja, não só o estado social, fenômeno ou comportamento é visto como uma ameaça, mas um grupo claramente identificável ou segmento da sociedade deve ser visto como responsável pela ameaça. Assim, a divisão é feita entre "nós" - bom, decente, pessoas respeitáveis - e "eles", ou o "Outro" - os desviantes, os caras maus, os indesejáveis, os forasteiros, os criminosos, o submundo, gente de má reputação.

Outra definição importante, que marca a existência do pânico moral é o consenso, segundo os autores, o consenso define claramente o que se trata tal fenômeno. No caso da AIDS, como dito anteriormente, autores como Foucault (2001) e Delumeau (2009) consideram a ocorrência de histeria coletiva em relação a casos de epidemia, por exemplo, fenômenos de certa forma correntes na história do ocidente.

A questão da desproporção também é levada em conta por Goode e Ben-Yehuda (2009) na teoria do pânico moral. Porém, essa é a questão mais subjetiva de todas: ansiedade, hostilidade, delineação de estereótipos e consenso podem ser visivelmente identificáveis através de análise de conteúdo. Porém a questão da desproporção exige parâmetros de medição temporais. O primeiro é, no caso, o uso de imagens exageradas ou fabricadas da possível ameaça e também a questão da desproporção pode ser citada a notificação de que “N milhões de pessoas ao redor do mundo vai contrair AIDS até ano X”. A questão da volatilidade explica os autores que o surto de pânico tem uma vida curta ou são delimitados a certo período de tempo. No caso da AIDS, o período foi longo, pelo fato de que apenas em 1996 o governo distribuiu de forma gratuita pelo sistema público de saúde remédios para os infectados.

O pânico moral se concentra em vários campos de estudos sociológicos: Desvio, comportamento social, construção social das leis e costumes, comportamento e medo coletivo e movimentos sociais. As mais variadas formas de desvio, conforme os autores são inerentes ao pânico moral, é a partir dele que se constroem as discursividades. Conforme Goode e Ben-Yehuda (2009, p.49):

Uma das características do pânico moral é que ele está no território de interseção de quatro conceitos: desvio e da construção social do direito, os problemas sociais, o comportamento coletivo e movimentos sociais: O desvio é inerente ao pânico moral, uma vez que ambos designam um folk devil. Os pânicos morais também lançam uma condição na necessidade de correção, sobre o qual algo deve ser feito - daí, o problema social. ( ... ) Nós argumentamos que pânicos morais são marcados pela preocupação com uma ameaça dada, hostilidade para com uma determinado folk

devil, uma medida de consenso sobre a natureza da ameaça, e um grau de desproporção entre a preocupação e a ameaça objetiva. Destes critérios, desproporção tem sido pelo menos moderadamente controversa. Nós oferecemos vários critérios de desproporção: em um pânico moral, os combatentes são susceptíveis de oferecer figuras exageradas e inventados e reclamações mais terríveis do que para outros tempos e outras condições. Embora não seja uma dessas pistas indica definitivamente que temos um pânico moral em nossas mãos, eles fornecem evidências de que os surtos de pânico.

Outro ponto muito importante que caracteriza o pânico moral é a categoria de folks devils, ou seja, a clara estigmatização de um grupo em específico como desviante. A partir do que foi discutido até o presente momento será possível visualizar as reportagens da revista e analisá-las a partir da teoria do pânico moral a fim de compreender de que forma, construiu-se o quadro figurativo midiático relativo à AIDS na revista *Veja*.

### **A AIDS e as primeiras interpretações sociológicas**

Dessa forma, pode-se verificar que as respostas sociais que ocorreram na década de 1980 com a AIDS não foram fatos isolados, mas sim continuação de um processo histórico de continuidades e ressurgências de medos, angústias, discursividades e estereotipação. Nota-se no primeiro capítulo da obra “A História da Sexualidade I: A Vontade de Saber”, que Michel Foucault o intitula como “Nós, os vitorianos”. A primeira impressão pode soar estranha e ao mesmo tempo provocadora. A questão que resta e que é pertinente a presente pesquisa é: por que Michel Foucault faz uma generalização dessa natureza? Segundo o autor, os princípios morais vindos da era vitoriana ainda incidem sobre os discursos e produção de verdades sobre sexualidade vigentes no final do século XX. Sexualidades periféricas, segundo Foucault (1985, p.23), são todo o tipo de prática sexual ou erótica que não visa à reprodução dentro do matrimônio. A Igreja interveio na sexualidade durante muito tempo, incentivando a sexualidade conjugal, instituindo a confissão na qual o sujeito devia examinar todos os pensamentos, todas as palavras e todas as ações e até os sonhos a fim de minuciosamente fazer o autoexame das práticas de cada um. Conforme aproximamos a análise da contemporaneidade, o autor situa a medicina como a grande entidade detentora de saber e poder sobre a vida sexual.

A prática médica, caracterizada pelo autor como insistente e indiscreta, “começou a reivindicar outros poderes, assumia em instância soberana dos imperativos de higiene, somando os velhos medos do mal venéreo aos novos temas de assepsia” (FOUCAULT, 1985, p.54). A medicina prometia então, aos finais do século XIX, assegurar a saúde do corpo

social. Desde o final do século XIX a medicina ganha espaço e legitimidade na sociedade ocidental e o uso de seus discursos pelos veículos midiáticos se tornaram cada vez mais frequentes no decorrer do século XX.

Em termos individuais a AIDS representou o início de uma cultura da prevenção, da preservação do biológico em tempos de intensa circulação de pessoas no mundo, pessoas essas que trazem consigo novas culturas e novas doenças. A retomada histórica possibilita pensar o contexto social vigente na década de 1980. Em 1981 o New York Times noticia que um raro câncer tinha sido encontrado em 41 homossexuais na cidade de São Francisco<sup>16</sup>. Essa foi a primeira notícia sobre a AIDS no mundo, o vírus foi identificado nos anos seguintes.

Em relação à literatura escrita na década de 1980 por cientistas sociais há uma infinidade de escritos, pontos de vista, críticas à inércia do governo, ao preconceito, aos meios de comunicação, aos homossexuais, etc. A fim de compreender o contexto do surgimento da epidemia e as posteriores reações sociais, os autores selecionados debatem não apenas o início da AIDS, mas toda a teia de significados e metáfora que surgiram a partir do momento. Será tratado de uma dimensão social da epidemia de HIV/AIDS na década de 1980, restringindo-se a análise de um período definido em um periódico específico. As obras de Michel Pollak, Susan Sontag, Richard Parker, Jane Galvão, Herbert Daniel, Sérgio Carrara entre outros, serão tomadas como obras que expressam a preocupação acadêmica e social que os cientistas sociais tinham a respeito dessa nova epidemia. A discussão proposta tem o objetivo de resgatar os autores das ciências sociais produziram obras acadêmicas no “calor” dos acontecimentos como também diante das reações sociais que estavam ocorrendo.

Primeiramente, é preciso dizer que a AIDS reúne em uma só instância três grandes medos\tabus da humanidade: morte, epidemias e sexualidade<sup>17</sup>. Sua via de transmissão, pelo sangue e esperma principalmente, são revestidas de significados morais. Até o desenvolvimento e distribuição pelo SUS em 1996 dos coquetéis que controlam a carga viral no organismo, mais de dez anos tinham se passado desde o descobrimento do vírus da AIDS. A sociedade contava com uma moral científica que a pedra angular era uma medicina

---

<sup>16</sup> Informalmente, a cidade de São Francisco do estado da Califórnia – EUA era conhecida como a capital mundial dos gays.

<sup>17</sup> Todo contexto de incertezas é, sem dúvida, um gerador de medo e de crenças provenientes do imaginário social. Neste ponto é o que Foucault chama de continuidades e ressurgências, onde medos passados são resignificados e retornam ao imaginário social da sociedade.

capaz de desenvolver terapias quase para tudo, de repente, esta se vê diante de um vírus incurável que ceifava os infectados em questão de meses após a detecção da síndrome<sup>18</sup>. O vírus se espalhava rapidamente por todo o globo pelo fato dos meios de transporte terem evoluído rapidamente. No Brasil, por exemplo, a notícia chegou antes do vírus, causando uma situação de ansiedade e que foi classificada por Daniel e Parker (1991) como “mal de folhetim”. Depois da gripe espanhola em 1918, a AIDS era a grande epidemia da era da globalização e a maior depois do pós-guerra. A epidemia primeiramente foi identificada em grupos de homossexuais norte-americanos. Este foi o primeiro grande motivo para o preconceito e metáforas em torno da AIDS: se tratava de uma doença que se manifestada em indivíduos que mantinham relações sexuais a fins não reprodutivos<sup>19</sup>.

A prática médica, caracterizada pelo Foucault (1985) como insistente e indiscreta, “começou a reivindicar outros poderes, assumia em instância soberana dos imperativos de higiene, somando os velhos medos do mal venéreo aos novos temas de assepsia” (FOUCAULT, 1985, p.54). A medicina prometia então, aos finais do século XIX, assegurar a saúde do corpo social e um grupo que historicamente foi alvo de estigma estaria disseminando uma nova praga, criou-se assim o termo médico-epidemiológico “grupos de risco”.

A formação dos chamados grupos de risco foi oriunda de observações epidemiológicas preliminares. Este termo, “grupos de risco” retoma ao conceito de “predisposição” utilizado pelos degeneracionistas. A questão aqui colocada não é em relação às categorias criadas pela medicina aos grupos que apresentavam os sintomas da imunodeficiência, mas sim aos sentidos e correlação que a mídia fez a partir disso e de que maneira ela tomava posse do discurso médico-científico para justificar suas posições de ordem moral. A expressão vista na mídia “grupo de risco” nasceu de observações epidemiológicas. Mas enquanto categoria de construção da realidade social, a definição da AIDS e de seu contágio tornou-se objeto de concorrência científica e de lutas sociais conduzidas por intermédio da comunicação em massa (POLLAK, 1990, p.12).

---

<sup>18</sup> Apesar da rapidez das descobertas sobre as características do vírus, diminuiu as zonas de incertezas bem como suas vias de transmissão entre as pessoas. Mas tornou claro os limites da ciência nas vésperas do século XXI.

<sup>19</sup> Conforme Richards (1993), os homossexuais foram historicamente perseguidos pelo seu comportamento.

Historicamente os homossexuais foram considerados uma ameaça moral, mas nos primeiros anos após o descobrimento do vírus da AIDS, eles foram convertidos pelas mídias numa ameaça biológica. Somente após pesquisas é que foi possível compreender que qualquer pessoa é sucessível de contrair o vírus e que a síndrome não é restrita a nenhum grupo específico. Luiz (2007, p.721) com base nos conceitos de ciência em construção de Bruno Latour afirma que:

Ao transpor os conteúdos do discurso científico para o discurso jornalístico, em nome da compreensão do leitor, a notícia omite as controvérsias do campo científico, assumindo como verdadeiro um dos pontos de vista em disputa, um enunciado que ainda não está validado pela comunidade científica. A notícia resolve, por sua conta, a polêmica.

Esse ponto é de grande importância para compreender o objeto proposto aqui, visto que, a mídia nesse caso, fundamenta as suas reportagens no discurso científico como ele fosse algo único, não levando em consideração as controvérsias presentes dentro do campo da ciência. De modo geral, os meios de comunicação publicam uma versão não necessariamente fiel, mas mais clara e didática do debate científico, resolvendo o vão entre ciência e público leigo. A ciência, a partir do texto jornalístico, é aquela cuja dinâmica é entendida de forma linear e cumulativa, em que um conhecimento substitui o outro tido como menos científico, numa linha ascendente e evolutiva (LUIZ 2007, p.722).

Outro ponto importante aponta Pollak (1990 p.107) é o caráter das reportagens que comunicavam os primeiros óbitos que ocorreram por complicações advindas do HIV. Segundo o autor, não eram em “tom de perda” ou aspecto de luto e, sim, enfocavam o risco de contaminação que eles representavam. Outro ponto importante é a divulgação de campanhas “sexo seguro” no período em que se tornou público quais eram as vias de transmissão do vírus. A tarefa dos meios de comunicação que literalmente vendem a informação tende a equilibrar a natureza da informação com o que o leitor quer ler. A questão não é, conforme Pollak (1990), simplesmente como passar as informações sem colocar no banco dos réus os homossexuais e os toxicômanos (usuários de drogas injetáveis que compartilham seringas), mas também como passar a informação sem causar pânico coletivo. Conforme Pollak (1990, p.141-142):

A apresentação, pelos meios de comunicação de massa, dos homossexuais como “grupo de risco” entra em conflito com a imagem que os homossexuais querem transmitir de si mesmos através de seus porta-vozes mais ou menos auto designados. Se “ser notícia”, aparecer na primeira página dos jornais, é um risco político

indispensável para todo grupo que queira dotar-se de força de negociação suficiente na definição de seu lugar social, no presente caso a visibilidade torna-se sinônimo de uma percepção que acarreta a marginalização. (...) a partir de 1985 a imprensa emprega um tom mais moderado em relação às incertezas ligadas especialmente à classificação de grupo de risco.

Os dois lados da moeda (liberdade versus prudência e abstinência) mostravam-se mais delicados do que nunca. A questão para os profissionais de saúde pública era como fazer com que as pessoas incorporassem o uso de preservativos a fim de manter seu organismo em segurança e de como racionalizar a pulsão sexual se tornou posteriormente um grande desafio dos órgãos de saúde pública<sup>20</sup>.

Após a descoberta do vírus, sua descrição e o esclarecimento a respeito de suas vias de transmissão, um crescente número de casos de infectados não pertencentes aos grupos de risco surgiu. Em 1983 a revista *La recherche publica* um artigo intitulado “A doença dos homossexuais não existe mais<sup>21</sup>”, em suma, o artigo esclarece que não importam quais são as preferências sexuais da pessoa para contrair o vírus, mas sim, se ela esteve em contato com fluidos corporais de outra pessoa infectada. A questão que fica, segundo Daniel e Parker (1991) e Pollak (1990), é que a mídia incorporou o termo epidemiológico “grupo de risco” quando este estava em uso na linguagem dos cientistas, mas quando o termo tornou-se obsoleto nos meios científicos<sup>22</sup> ela continuou a usá-lo. Mesmo após o esclarecimento de que os homossexuais não são os únicos passíveis de contrair e disseminar o vírus HIV, ele não desaparece (o termo “grupos de risco”), nem dos jornais, nem nas pesquisas (POLLAK, 1990 p.145).

### **A AIDS no Brasil e suas particularidades**

Os últimos autores que serão trabalhados se destacam pela sua carreira de pesquisas acadêmicas, lutas e militância em favor dos direitos dos soropositivos. São eles Jane Galvão, Richard Parker e Herbert Daniel. A partir de suas obras também se fará a escolha do material da revista *Veja* que será analisado tendo em vista a quantidade de

---

<sup>20</sup> Politicamente, o problema se situava na balança: como proteger vidas humanas sem interferir na liberdade individual das pessoas?

<sup>21</sup> F. Courteaux apud Pollak.. « La maladie des homosexuels n'existe plus », *La Recherche*, 146, julho-agosto de 1983, p.989 ss. Cientificamente, a associação entre homossexualidade e HIV perde seu caráter de causa e consequência.

<sup>22</sup> Na verdade, não só caiu em desuso, como também ficou claro que grupos de risco era um termo inadequado para a situação.

reportagens que trataram do HIV/AIDS só na década de 1980, será considerada apenas as mais relevantes e um dos critérios para isso será a partir da bibliografia.

O primeiro desafio segundo Daniel e Parker (1991, p.9) foi entender a complexidade das reações sociais geradas por um vírus ideológico de consequências mais funestas que a epidemia provocada pelo vírus biológico chamado HIV. O primeiro ponto a ser compreendido, segundo os autores, são as especificidades e determinações de cada cultura e dessa em contato com a epidemia de AIDS para entender reações diante da disseminação do vírus. Entender a cultura sexual brasileira é, segundo os autores, levar em consideração que um grande número de pessoas executa atividades sexuais que a princípio não são levadas em conta. Para o entendimento da disseminação da AIDS no Brasil, levar em conta a categoria HSH é importante. Segundo os autores “Não se trata de valorizar alguma via de transmissão da epidemia mais do que outras. Trata-se de compreender toda a dinâmica de epidemia e estar atento onde o preconceito gera entraves ou simplesmente abre portas para o vírus” (DANIEL E PARKER, 1991, p. 11).

A recusa do estereótipo “grupo de risco” por parte dos homossexuais não foi simplesmente de ordem simbólica, cujo único objetivo era não desvalorizar a imagem coletiva, mas também por que se mostrava insuficiente. É possível perceber em Daniel e Parker (1991), por exemplo, que no Brasil a categoria HSH (homens que fazem sexo com homens), mas não compartilham da identidade de homossexual é muito significativa. Indivíduos pertencentes a esse grupo não simplesmente se consideram gays, mas sim, na maioria deles, mantêm suas relações homoeróticas em sigilo. Segundo os autores, a maneira brasileira de portar-se sexualmente é representada pelo lema “o escondido é mais gostoso”. Em outras palavras, isso quer dizer que a cultura sexual brasileira, em última instância, nos permite ter relações extraconjugais homoeróticas sem necessariamente exigir o enquadramento de homossexual ou de qualquer identidade gay, desde que as posições sexuais de ativo x passivo sejam preservadas<sup>23</sup>. Há um grande espaço entre práticas homossexuais e identidades sexual. Também se pode destacar com base em Daniel e Parker (1991) é que, diferentemente dos grupos homossexuais norte-americanos que tinham relações sexuais entre

---

<sup>23</sup> Destaca-se o trabalho de Costa (2009) sobre “Homens que fazem Sexo com Homens (HSH): Uma categoria, muitos significados” realizado em Fortaleza- CE. Disponível em: <http://anpuh.org/anais/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S25.1464.pdf>

si, os brasileiros mantinham múltiplas relações não apenas entre si, mas também com os HSH dando abertura a novos grupos. Em relação ao Brasil, a AIDS e suas formas de disseminação era não a mesma em qualquer parte do mundo.

Richard Parker especificamente, não trabalhou com a questão da AIDS a princípio, o objetivo era compreender a vida sexual no Brasil, que diretamente, possibilita uma melhor compreensão da disseminação do vírus pelo território nacional. Ao contrário da Europa e nos Estados Unidos onde o movimento gay era historicamente presente, no Brasil o que chamou a atenção foi o fato da clássica definição homo e heterossexualidade não se enquadrar. Segundo o autor, no Brasil existem aqueles que “comem”, no caso os agentes ativos das relações sexuais e aqueles que “dão” os agentes passivos das relações. Não necessariamente, um homem que assume a postura de ativo numa relação homoerótica é homossexual. Outro ponto importante, é que na maioria das vezes, constatou o antropólogo, essas relações ocorrem “por debaixo dos panos”. A categoria de homossexuais é apenas reservada aos agentes passivos da relação.

Outro motivo para que a categoria “grupo de risco” não se enquadrava para os homossexuais masculinos era que prostitutas, por exemplo, estavam tão expostas ao vírus quanto o qualquer pessoas que se relacionasse sexualmente sem proteção com múltiplos parceiros. Galvão (2000) afirma que a identificação dos primeiros casos de AIDS entre homossexuais norte-americanos estabelece um vínculo, que até hoje não foi rompido, entre AIDS e homossexualidade masculina.

Estava claro aos profissionais de saúde da época o “estilo de vida” de homossexuais que tinham hábitos sexuais promíscuos, isto é, pessoas que tinham múltiplos parceiros (com até dez contatos por noite), várias vezes por semana (Pollak 1990, p.122). O problema é a forma como o termo foi utilizado pela mídia mesmo depois da medicina abandonar o uso e a forma generalizante que a revista se referia. Apenas o fato de ser homossexual já punha a pessoa no grupo de risco. No primeiro momento, houve três grandes grupos de risco: os homossexuais, os toxicômanos<sup>24</sup> e os haitianos<sup>25</sup>. A descoberta do vírus, o conhecimento cada vez mais apurado de suas vias de transmissão e a multiplicação de casos inclassificáveis questionam a legitimidade desse conceito (POLLAK 1990 p.123).

---

<sup>24</sup> Exclusivamente os usuários de drogas intravenosas.

<sup>25</sup> Na época, o Haiti foi um dos países onde a disseminação da AIDS mais crescia no mundo.

O autor argumenta também que pelo menos até 1985 o debate promovido pela mídia se inspira no medo de provocar pânico. A solução política do problema no Brasil apenas tardiamente foi considerada, segundo o argumento das autoridades da época, havia dentro no território nacional doenças que dizimavam muito mais pessoas que a AIDS.

A epidemia da AIDS teve três momentos distintos: Daniel e Parker (1991, p.13) explicam que o primeiro é quando a infecção, ou seja, o vírus enquanto componente biológico contamina o corpo das pessoas. O segundo momento é quando surgem infecções, posteriores doenças e consequências à imunodeficiência adquirida. A terceira fase, mais explosiva é a epidemia de reações sociais, culturais e econômicas relativas à AIDS. Assim, da mesma forma que Sontag (2007) também pontuou, ocorre a construção de grupos de risco, preconceito, indivíduos disseminadores da doença. Nesta terceira fase também ocorre a midiática da doença, a estereotipação dos portadores e das formas de contágio.

Nos Estados Unidos, na França e no Brasil, os primeiros que foram diagnosticados com a doença foram os homossexuais masculinos de hábitos sexuais tidos como promíscuos. No caso do Brasil, os primeiros casos que apareceram foram de estilistas que haviam viajado para Nova York e possivelmente teriam contraído o vírus naquela cidade. Se a princípio a doença era atribuída aos homossexuais, Daniel e Parker (1991, p. 18), na contramão disso, afirmam que rapidamente a doença se espalhou igualmente contaminando também bissexuais e heterossexuais de maneira geral.

O verdadeiro surto jornalístico abarcava certo grau de preocupação visto que não se sabia ao certo as proporções que a AIDS tomaria<sup>26</sup>, bem como não existia nenhuma terapia para contornar a situação. Segundo os autores, desde seus primórdios a história da AIDS no Brasil como em muitos outros países, tem sido marcada pelo medo, pelo preconceito e pela injustiça – uma síndrome de culpabilidade e acusação que, é tão perigosa quanto a síndrome da imunodeficiência adquirida (Daniel e Parker, 1991 p.25).

Após pesquisa de campo no Rio de Janeiro, os autores conseguiram concluir que alguns homens socialmente reconhecidos como heterossexuais mantinham relações “escondidas” com outros homens, mas nem por isso se declaravam gays ou contavam isso

---

<sup>26</sup> Segundo Daniel e Parker (1991, p.102) por volta do final da década de 80, mais de 10.000 casos de AIDS e 5.000 mortes já tinham sido relatados ao Ministério da Saúde.

para as outras pessoas, são os homens que fazem sexo com homens (HSH). É por esses tipos de relacionamentos não declarados ou ocultos que deu combustível para a propagação do vírus no Brasil segundo os autores. Segundo Daniel e Parker (1991, p.106) “a existência desta distinta subcultura sexual abriu imediatamente espaço para a disseminação da epidemia, ao mesmo tempo em que lhe deu caráter e direção próprios<sup>27</sup>”. Se por um lado, a emergência da doença se deu entre homens que mantinham relações sexuais com outros homens, houve uma rápida disseminação para todas as outras categorias de comportamento sexual. Isso causa impacto também sobre como a sociedade reage à AIDS, não como a doença dos gays. Deve-se deixar claro que a “subcultura sexual” não se trata apenas das relações entre gays e os outros Homens que fazem Sexo com Homens (HSH), mas quer dar conta de toda uma subcultura sexual e erótica em que as relações entre ativo x passivo e suas representações (bicha *versus* bofe), o mercado “GLS”, os blocos de rua no carnaval<sup>28</sup>, etc. Conforme Daniel e Parker (1991, p.106):

A existência desta distinta subcultura sexual abriu imediatamente espaço para a disseminação da epidemia, ao mesmo tempo que lhe deu caráter e direção próprios: sua inicial emergência entre homens envolvidos em relações com parceiros do mesmo sexo, juntamente com sua rápida disseminação entre homens envolvidos em relação com parceiros de ambos os sexos. Ao mesmo tempo em que a forma especial desta subcultura tem definido parcialmente a disseminação da epidemia, ela, entretanto, também tem influenciado as maneiras pelas quais a sociedade brasileira vem reagindo a AIDS.

Desde quando a epidemia começou tomar forma na mídia, alguns pontos básicos sempre eram destacados como a natureza contagiosa, sua incurabilidade e seu fatal destino. Daniel e Parker (1991, p.21) afirmam que “imagens distorcidas, tanto da AIDS quanto das pessoas que vivem com ela dominaram a discussão pública da epidemia e produziram muito frequentemente a espécie de pânico moral”. Esse conceito, rapidamente mencionado pelos autores foi desenvolvido por uma corrente do Interacionismo Simbólico que tem com Cohen (1972) seu principal expoente.

A AIDS chegou ao Brasil primeiramente através de notícias. Por volta de 1983 era apenas uma questão de tempo para que alguém fosse diagnosticado com o vírus da AIDS no

---

<sup>27</sup> Uma dessas consequências, por exemplo, é que homens casados se infectavam fora da relação conjugal e após transmitia o vírus à parceira sexual. Nesses casos, não raro, quem descobria o vírus em seu corpo era a mulher ao fazer os exames de pré-natal.

<sup>28</sup> Parker desenvolve, posteriormente, essa temática em outras pesquisas.

Brasil<sup>29</sup>. A manchete chegou, finalmente, exatamente no ano de 83 que viu um verdadeiro surto de interesse jornalístico sobre o que era então definido, de maneira objetiva, de câncer gay ou peste gay (DANIEL E PARKER, 1991, p.32).

Outro problema, dessa vez de ordem teórica, é que não Brasil não existia grandes estudos sobre a temática da sexualidade. Apesar de o autor citar obras de vários autores brasileiros, um estudo aprofundado sobre a economia dos corpos e da sexualidade no Brasil dificulta o entendimento da disseminação da AIDS no Brasil pelo fato de, ser visível que disseminação do vírus se dá por outras vias de além daquela feita entre dois homossexuais assumidos. Isso dificultou a princípio o entendimento e causou uma impressão errônea dos soropositivos e de quem estaria vulnerável.

Diferentemente dos autores já debatidos, Jane Galvão (2000) se inscreve em outra corrente metodológica. Sua proposta principal é trabalhar com as respostas não governamentais frente à epidemia e sua gestão pelos poderes públicos. Seu foco não é a investigação de como o vírus se transmite no Brasil, ou como o soropositivo é envolvido dentro do jogo de correlações e preconceitos. Uma das preocupações da autora é investigar de que forma o poder público conciliou a proteção dos direitos humanos para com os infectados pelo vírus HIV e que saídas institucionais e políticas foram tomadas para isso e as respostas de ONGs de apoio e ajuda as pessoas e as famílias das pessoas.

Em relação à mídia, as considerações de Galvão (2000) são úteis pelo esclarecimento de que, nos primeiros anos da epidemia a mídia foi fundamental para apresentar a opinião pública aquela nova doença, e no caso do Brasil, “importando” o modelo norte-americano de explicação da transmissão da nova epidemia (GALVÃO, 2000, p.174). A importação do modelo explicativo pelas mídias se mostrou, pelo menos no Brasil, algo tão falho quanto problemático. Falho por que, conforme visto por Daniel e Parker (1991), grande parte das práticas homoeróticas eram realizadas por homens que não possuíam uma identidade de gênero homossexual nem eram socialmente percebidos como gays. Problemático por que direcionou toda a culpa aos homossexuais, criando assim um bode

---

<sup>29</sup> Em junho de 83 morreu um importante costureiro de moda do Brasil. Há especulações que, antes dele, outras pessoas haviam morrido em consequência do vírus HIV, mas, midiática e oficialmente, foi o primeiro. Ver NYTimes, “fright grips Brazil cases suddenly rise” <http://www.nytimes.com/1985/08/25/world/fright-grips-brazil-as-aids-cases-suddenly-rise.html>

expiatório para a epidemia, reforçando o preconceito e a homofobia. Conforme Galvão (2000, p.182):

A mídia, por exemplo, revela-se como um elemento fundamental que alimenta, com as mais diferentes narrativas, parte desse pânico, ao trazer a tona os episódios. Contudo, quem alimenta a mídia? Os profissionais de saúde, mas não só. (...) é possível destacar a maneira preconceituosa como a mídia tratava questões relacionadas a homossexualidade e AIDS.

Por exemplo, uma reportagem de um médico usada por Jane Galvão em sua tese reproduz claramente os discursos usados na Idade Média para eliminar os “diferentes”. Conforme Galvão (2000 p. 183 apud Brant, 1987):

O aidético é o mosquito vetor dessa terrível doença que ameaça a sobrevivência da humanidade, tal como o mosquito é o vetor da febre amarela. A ereção e a ejaculação do aidético são o revólver engatilhado e pronto pra matar. Sem essa arma, o ciclo evolutivo da AIDS será interrompido, tal como a eliminação do mosquito da febre amarela<sup>30</sup>.

Essa colocação se mostra interessante para o debate aqui proposto. É defendido que aqueles designados como “aidéticos” devem ser eliminados. É nesse ponto que a análise de conteúdo se mostra útil para avaliar o que se estava sendo dito na época de eclosão da AIDS e as relações históricas desse discurso. E é neste ponto também que o estudo da apropriação do discurso considerado “científico” pela mídia se justifica, visto que, há nesses discursos componentes não científicos constituindo o “todo” discursivo. Outro ponto importante é que, muito depois da ciência afirmar que o que se deve evitar é o contato com fluidos corporais (esperma, sangue, etc.) e que a natureza do contato sexual (heterossexual, bissexual ou homossexual) não é significativa para a infecção de AIDS, a relação entre AIDS e homossexualidade persistiu durante toda a década de 1980.

A primeira publicação de artigos científicos das ciências sociais escritos no “calor” dos acontecimentos da AIDS foi feito pela revista “Comunicações do ISER” em 1985. Sérgio Carrara, Claudia Moraes, Jane Galvão, Luiz Mott, Herbet Daniel, entre outros, discutem a então perigosa epidemia e avaliam seu o impacto social no Brasil. Apesar de sucinto e em meio a incertezas científicas, os autores já ali assumem uma postura crítica quanto aos termos “câncer\peste gay” e a atividade midiática especulativa. Primeiramente, já é identificado que o problema não é o ato sexual homoerótico em si que aumenta a probabilidade de contrair a doença, mas sim a alta rotatividade de parceiros sexuais,

---

<sup>30</sup> Declaração do Dr. Aluizio Resende Neves, de Belo Horizonte, em entrevista ao jornalista Francisco Brant (1987)

especialmente quando se trata de práticas sexuais anônimas. Carrara e Moraes (1985, p.18) discutem o isolamento sofrido pela pessoa infectada, tanto pela família quanto pelo sistema de saúde<sup>31</sup>. A morte social do indivíduo estava decretada quando o diagnóstico era de AIDS. Segundo Carrara e Moraes (1985, p.23):

Embora volta e meia os trabalhos médicos resvalam para o terreno das emoções, é a imprensa a encarregada de dar sabor ao discurso eminentemente técnico dos trabalhos científicos, recheando-o de sentimentos (...) para criar esta face comum, a imprensa primeiro dissolve a especificidade dos discursos: vulgariza as teorias médicas, teoriza o que são credences populares em torno do contágio (...) o próprio discurso médico não é imune as ideias sociais que declaram o sexo anal perigoso, condenam a promiscuidade e encaram o homossexualismo como abominação.

Nesta colocação se concentra a essência da análise de conteúdo que será posta em prática a seguir. O que os autores acima citados colocam é a problematização da apropriação do discurso científico<sup>32</sup> pela mídia e como esta mescla num processo de bricolagem: teses morais e científicas sobre um assunto tão polêmico quanto a AIDS. Fazendo isso, cria-se um sistema discursivo onde a prática de bricolagem torna-se a peça chave para que se façam resgates bíblicos sobre as pestes, Sodoma e teses científicas, depoimentos médicos e de infectados. A presente pesquisa se propõe a investigar de que forma isso se sucedeu na revista *Veja* na década de 1980.

---

<sup>31</sup> Neste aspecto trabalho de Aiken e Fox (1991) que aponta como decisiva o trabalho das enfermeiras no cuidado dos pacientes e das suas respectivas famílias, visto que, a medicina não encontrava a cura para a AIDS.

<sup>32</sup> Deve-se atentar também, nesse caso, para a postura que a revista tinha diante do discurso científico. Se ela o tratava como passível de controvérsia ou verdade absoluta.

## Capítulo 2

### Do enigma ao mal: A AIDS na década de 1980 na revista Veja

A revista *Veja* tem atualmente grande circulação no território nacional. Mesmo na década de 1980, onde se fará a busca pelas reportagens, ela tinha grande circulação e se destacava por ser uma das maiores revistas do Brasil. Em conta disso decidiu-se por investigar de que forma esse meio de comunicação apresentou o surgimento da AIDS na década de 1980.

Por ser semanal, a revista reporta diversos assuntos: política, saúde, entrevistas, economia, etc. Após busca pelo próprio acervo digital da revista, percebe-se que há muitas reportagens que mencionam a AIDS e após 1985, quase todas as edições reportavam diversos pontos e motivos a AIDS. Por isso, decidiu-se que: nos primeiros anos da epidemia, de 1982 a 1984 todas as matérias que falavam da AIDS serão consideradas para a presente pesquisa. Após 1985, serão tomadas apenas as edições que trazem o tema da AIDS como manchete de capa.

Ao invés de uma amostra de reportagens aleatória, como feito no trabalho de Lima Soares (1998), vai-se tomar aqui uma amostra sistematicamente selecionada, baseado em critérios de representatividade da reportagem. Utiliza-se o conceito de *corpus* postulado por Bauer e Aarts (2008). Lima Soares (1998) chama de quadro figurativo esse corpo de reportagem que forma um todo geral em torno de uma abordagem. Segundo a autora, o quadro figurativo é composto por figuras que vão sendo montadas, referências sendo feitas, etc. a enunciação, por meio dos discursos, instaura o lugar da AIDS na sociedade (LIMA SOARES, 2008, p.56). Como a presente pesquisa não conta com hipóteses a serem comprovadas ou refutadas (que exige amostra aleatória) mas sim, a proposta dessa investigação é identificar como a AIDS e seus portadores eram apresentados. Por isso, foram escolhidas reportagens que continham elementos suficientes para tal análise.

Bauer e Aarts (2008) explicam como ocorre a seleção do que eles chamam de formação do *corpus* metodológico. Distinta da amostragem aleatória, a construção de um *corpus* garante a eficiência que se ganha na seleção de algum material para caracterizar o todo (IBID, p.40). Dessa forma, a presente pesquisa se baseia neste postulado. Serão tomadas apenas as reportagens da revista *Veja*, a partir de 1985, que tem o tema da AIDS como capa,

ou que apresente numa única edição um corpo robusto de reportagem. É respeitado aqui também o que Bauer e Aarts (2008) chamam de homogeneidade dos materiais, ou seja, serão todos os textos da revista *Veja*, de um único período, no caso, da década de 1980.

Será investigada a apresentação do início da epidemia de AIDS pela *Veja* na década de 1980 e compreender se esta contribuiu para a construção do que Goode e Ben-Yehuda (2009) chamam de pânico moral. Os parâmetros criados pelos autores servirão de base para a investigação.

Como visto anteriormente com Luiz (2007) a mídia não costuma publicar controvérsias, mas sim, uma versão simplificada do debate, privilegiando as “certezas” diante da controvérsia. Também atenta para o fato de que, no final do século XX a moral científica era (e ainda é) responsável pelos discursos de verdade acerca dos acontecimentos que envolvem saúde coletiva e epidemia - como no caso da AIDS. A construção da imagem social da epidemia foi feita a partir de pequenas narrativas que foram sendo concatenadas, dispostas com o passar do tempo. Segundo Lima Soares (1998 p.59-60):

Os discursos médico e científico aparecem mais nas matérias diretamente ligadas à AIDS, em forma de prevenção ou descobertas e pesquisas científicas. Ao utilizar nomes de pesquisadores, depoimentos e dados quantitativos, conferem verossimilhança e credibilidade à matéria. O discurso do Estado, quando evocado, parece sempre querer impor a lei e a ordem, chamar ao bom funcionamento da sociedade seja por meio de intervenção direta, seja por meio de mudanças na legislação e políticas públicas, principalmente ligadas à área de saúde. Finalmente, o que se chamou de discurso social engloba um espectro variado de elementos, desde manifestações de ONGs e grupos organizados (principalmente com reivindicações em relação à AIDS e aos homossexuais) até expressões mais moralistas de grupos que clamam pelo que poderia ser chamado de “restabelecimento da ordem moral” da sociedade.

O que se constatará adiante, será que a apresentação da revista *Veja* dava mais enfoque no caso à AIDS como O Mal, e entre os infectados haviam os “inocentes” no caso de crianças e hemofílicos e os “culpados”, ou seja, homossexuais e toxicômanos.

### **O surgimento da AIDS e as primeiras reportagens: de 1981 à 1984**

No ano de 1981 o quadro de saúde de um grupo de homossexuais nos Estados Unidos chamou atenção: 41 indivíduos apresentavam um raro câncer de pele chamado de sarcoma de Kaposi. A reportagem do NY Times deixava um quadro de dúvidas, por que não era possível o mesmo câncer aparecer em várias pessoas do mesmo grupo ao mesmo tempo. No mesmo ano, o jornal publicou outras reportagens, cada vez mais aumentando o quadro de

preocupação, visto que, não se sabia o que estava acontecendo e nem o porquê daqueles indivíduos estarem apresentando tal estado clínico. Ainda em 1981, o NY Times publicou outra notícia<sup>33</sup> apresentando os haitianos que moravam no bairro Brooklin em Nova York como também portadores desse novo quadro infeccioso. Naquele caso, relata a notícia do jornal, nenhum dos 23 homens relatou qualquer tipo de atividade homossexual, mas todos confessaram fazer uso de drogas intravenosas. Esse caso indicava que os homossexuais não eram as únicas vítimas da infecção que viria a ser chamada posteriormente de AIDS (atente-se aqui, que o termo AIDS ainda não estava em uso).

Em dezembro de 1981, o NY Times<sup>34</sup> publicou outra notícia que dizia que a doença afetara vários homossexuais e que “os pesquisadores disseram que o sistema imunológico de muitos destes homens parece ter sido enfraquecido por razões desconhecidas.” Dessa forma, é possível ver que a preocupação com esse novo quadro clínico foi rápida. Em 14/07/1982 a revista Veja publica uma curta reportagem na qual um médico baiano explicava que a doença<sup>35</sup> se dava pelo fato de que os homossexuais tomavam hormônios femininos e isso causaria esse quadro clínico peculiar. Por outro lado, a mesma notícia trazia o contraponto que um médico inglês. A notícia representa a primeira reportagem sobre o assunto na revista e é uma das poucas vezes que é trazido um debate onde não havia uma “verdade”, mas sim, apenas especulações. Já nesse momento, a doença já era rotulada câncer\peste gay pelo fato de que, havia aparecido em gays nos Estados Unidos, e alguns casos apareciam na Europa. Desde o início, apesar dos haitianos usuários de drogas intravenosas apresentarem os sintomas também, a doença foi reportada quase que exclusivamente aos homossexuais.

A primeira vítima da doença no Brasil foi noticiada em 15/06/1983. Tratava-se de um designer conhecido como Markito a primeira vítima da AIDS a morrer no Brasil. A manchete da notícia “O enigma que mata” (ver figura 1) reflete a preocupação dos meios de comunicação e de certa forma, da sociedade acerca da nova epidemia (nesta data, já chamada de AIDS). A notícia continuava relatando quais eram os sintomas das vítimas e como estava a

---

<sup>33</sup> <http://www.nytimes.com/1982/07/09/us/five-states-report-disorders-in-haitians-immune-systems.html>

<sup>34</sup> <http://www.nytimes.com/1981/12/10/us/homosexuals-found-particularly-labile-to-common-viruses.html>

<sup>35</sup> No caso, não sabiam exatamente de que doença estavam falando, mas sim do quadro clínico geral de baixa imunidade e casos de Sarcoma de Kaposi.

situação de infecção dos Estados Unidos. Em relação à medicina, o quadro que a revista trazia era ainda mais desolador. Numa fala transcrita de um médico do hospital de Houston, no Texas, dizia: “pessoas que estão para morrer querem saber o que podem fazer para ajudar a si próprios e sou forçado a responder que não tenho a mínima ideia” diz o médico. Voltando ao que foi dito anteriormente sobre a ciência no final do século XX, essa frase reflete boa parte da discussão. Sempre tão confiantes da capacidade de curar, os médicos viam-se totalmente desnorteados diante dessa nova epidemia. Recomendavam, porém, que se evitasse o sexo promíscuo e o uso de drogas intravenosas. Na última edição da revista do ano de 1983, a informação passada era que já haviam detectado mais de três mil casos de AIDS em todo o mundo e que treze brasileiros já haviam sido contaminados e nove deles morrido.

Percebe-se que o próprio corpo da reportagem postula que o termo peste gay é falso, mas indica que há uma alta taxa de incidência entre a população homossexual. A descoberta do vírus foi noticiada com muito entusiasmo pela revista em 02/05/1984. Dois cientistas (um americano e um francês) descobriram que a causa do “enigma que mata” é um vírus transmitido pelo sangue

Figura<sup>36</sup> 1:



<sup>36</sup> Revista Veja. O enigma que mata. Edição 771, Editora Abril, 15 de junho de 1983.

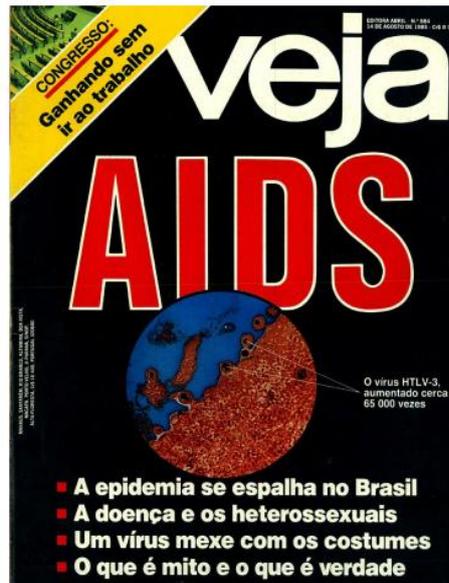
Nesta reportagem inicia a especulação de que seria possível fabricar no futuro vacinas contra o vírus. A revista reforça a esperança ao dizer que, os cientistas esperam fazer uma vacina dentro de dois a três anos. Ainda que sem cura e ceifando muitas vidas, a AIDS a partir desse momento, perde sua rotulação de enigma e passa a ser mais bem entendida. Deve-se notar também que teoricamente, sabe-se que o vírus é transmissível por fluídos corporais, e não está restrita à população homossexual. O que se verá adiante será uma resignificação dos termos usados até então.

### **O Brasil e a AIDS:**

A partir de 1885, são muitas as reportagens que tratam da epidemia de AIDS na revista *Veja*. O objetivo como já debatido com Bauer e Gaskell (2008) será considerar o *corpus* de análise da presente pesquisa tomará para análise as principais reportagens sobre o assunto. Serão debatidos os gráficos que a revista apresentou no período de 1985 a 1989 sobre os índices de infecção e população infectada. Conforme o trabalho de Lima Soares (1998), as classificações não se davam somente sobre a dicotomia Bem e Mal, mas também entre infectados culpados (gays e prostitutas) e infectados inocentes (crianças e hemofílicos). Também atento ao fato de que, mesmo depois de descoberto sobre as características do vírus, e as formas de transmissão a AIDS ainda foi noticiada como “O Mal”.

Reportando-se ao ano de 1985, será considerada apenas uma edição a nº 884 de 14/08/85. A edição traz o tema da AIDS na capa e a imagem consiste na fotografia do vírus ampliada. O título da reportagem “A multiplicação do Mal: a AIDS se espalha” remete, mais uma vez, ao período anterior a descoberta do vírus, quando não se conhecia a causa para a AIDS. O uso das terminologias para a retratação da AIDS é o primeiro passo para o enquadramento a categoria de pânico moral, pelo fato de que, um título desses, usando o termo “O Mal”, cria-se a impressão de que a epidemia se trata de uma praga. A reportagem começa contando a história de uma família que tenta internar um rapaz já descrito como homossexual infectado pela doença em um hospital em São Paulo que reluta em receber pacientes com AIDS. A imagem do rapaz deitado em uma maca solitário, (figura 3 e 4) sem ninguém por perto reflete a situação em que se encontravam as pessoas que procuravam atendimento naquele período. A matéria elabora uma crítica ao Estado, criticando diretamente o ministro da saúde da época por tratar a doença como preocupante, mas não prioritária.

Figura 2<sup>37</sup>:



Figura<sup>38</sup> 3:

<sup>37</sup> Revista Veja. A multiplicação do mal: A AIDS se espalha. Edição 884, Editora Abril, 14 de agosto de 1985, p.76-77

<sup>38</sup> Iden nota 36.

**Medicina**

# A multiplicação do mal: a AIDS se espalha

*Os cientistas aprendem mais sobre a doença mas o número de vítimas continua aumentando no mundo*

**O vírus em ação: fatal**

Durante um dia inteiro ele ficou sobre a maca sem que alguém lhe prestasse atenção. Magro, olhar perdido num ponto indefinido do teto, as mãos espaladas movendo-se de forma lenta mas desordenada, como as de um recém-nascido. Já não podia falar. O pai, o metalúrgico aposentado José Maria Rodrigues, 44 anos, e o tio, Luis Eduardo Lemes, 37 anos, ajudante de marcenaria, que o acompanhavam, fizeram de tudo para interná-lo no Hospital das Clínicas, em São Paulo. Por dias a fio ouviram como resposta que as vagas destinadas aos doentes acometidos da mesma moléstia do rapaz estavam tomadas. Na tarde de quinta-feira passada, finalmente, José Maurício Lemes, 24 anos, carteiro por profissão, homossexual, conseguiu juntar-se a seis outros doentes internados na ala reservada às vítimas da AIDS, a terrível síndrome de imunodeficiência adquirida, a doença que mata destruindo a capacidade do organismo para combater infecções.

Cercas como as vividas por Lemes, que desde o surgimento dos primeiros sinais da doença, há sete meses, perdeu o emprego e emagreceu 11 quilos, começaram a se repetir com frequência nos hospitais do país. "A internação demorou porque não havia lugar", explica Paulo Roberto Teixeira, 36 anos, coordenador do programa de prevenção e controle da AIDS da Secretaria

de Saúde do Estado de São Paulo. "Tem um déficit de 32 leitos e até o final do ano esse número estará duplicado." Exposto aos olhares indiferentes de quem cruzava o saguão do pronto-socorro do hospital, Lemes olstrava de forma trágica a maneira como as autoridades de saúde vêm encarando a AIDS no Brasil. "Trata-se de uma doença preocupante mas não prioritária", diz o ministro da Saúde, Carlos Saraceni. De acordo com ele, os 6 milhões de portadores de doença de Chagas, os 8 milhões de pessoas acometidas de esquistossomose e mesmo o 1 milhão de tuberculosos compõem um quadro muito mais assustador que os 384 casos exibidos pela AIDS.

**PROPORÇÕES MUNDIAIS**

Para cientistas e pesquisadores que acordaram para as reais dimensões da moléstia há mais tempo, a posição do ministro, ficando-se unicamente nos números atuais, é ilusória e perigosa: o número de casos dobra a cada dez meses. "A ameaça aos heterossexuais está crescendo", diz o médico paulista Ricardo Veronesi, 40 anos, titular da cadeira de Doenças Infecciosas e Parasitárias da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (USP). Além disso, o ministro desconsidera que a AIDS é uma doença fatal que mata em pouquíssimo tempo. No mesmo dia em que Lemes conseguiu sua vaga no Hospital das Clínicas podiam-se contar 37 leitos ocupados em sete hospitais do Estado por doentes da



**Lemes sobre a maca no saguão do...**

AIDS. Ou seja, toda a lotação destinada às vítimas da doença. Em países como os EUA, onde a doença foi detectada há mais tempo, a AIDS vem deixando de ser encarada como a "praga dos homossexuais" para se transformar num problema de proporções mundiais.

"Qualquer pessoa com a mínima capacidade de enxergar um pouco à frente pode ver que essa doença tem potencial para se transformar na pior coisa que a humanidade já experimentou em todos os tempos", alerta o médico Ward Cates, do Centro de Controle de Doenças dos Estados Unidos. "Mais claro ainda está o fato de que a

Figura 4:



Outro argumento que por muitas vezes é usado pela revista é que a ameaça aos heterossexuais estava crescendo. Isso alude à distinção “Nós” e “Eles”, o “nós” reportando-se aos heterossexuais e o “eles” homossexuais. A terceira e a segunda categoria apresentada por Goode e Ben-Yehuda (2009) na teoria do pânico moral trata-se exclusivamente do consenso em relação à origem da ameaça e a hostilidade para com os folks devils, no caso, os homossexuais. Devem-se levar em conta que, a partir de 1985 as formas de contágio pelo qual ocorre a transmissão do vírus já estavam esclarecidas, como também como apontado pela própria revista os grupos de risco não existiam mais e sabia-se que vírus não se transmitia pelas preferências eróticas, mas sim por contatos sexuais.

A notícia da edição nº 884 apresentava também as descobertas dos médicos sobre novas características do vírus e o modo como se alastrava pelo corpo, mas não se reportava ao uso de preservativos. É também dito que o vírus teria surgido na África, através da contaminação humana com sangue de certos macacos. Da África teria sido levado ao Haiti e de lá para os Estados Unidos e para todo o mundo. Também relata, na parte final, o outro lado da moeda: os “pacientes vítimas”, ou seja, pessoas na maioria das vezes hemofílicas que contraíram o vírus através de transfusões de sangue.

A última abordagem sobre a AIDS nesta edição de 1985 reportava-se aos medos acerca das epidemias. “A peste e a culpa” era o título da reportagem que, relatava de que forma historicamente as pestes foram atribuídas a diferentes grupos, e que desta vez, haviam sido os homossexuais a receberem o estigma. A matéria também referia ao trabalho de Susan Sontag “A doença como metáfora” e a discussão do estigma e das correlações que são feitas aos infectados por doenças e vírus ao longo da história. O julgamento deixou de ser de ordem divina para ser de caráter moral e comportamental, mas ainda preservava os termos peste e culpa.

Na edição de 12 de novembro de 1986 a notícia foi intitulada: “A terceira onda: Batizada primeiramente de ‘peste gay’, a AIDS saltou do círculo homossexual e já é vista como catástrofe” (Figura 5). Primeiramente é preciso explicitar que o título tem duplo sentido. Considerando a afirmação “a AIDS saltou do círculo homossexual e já é vista como catástrofe” fica o questionamento: só tornou-se catástrofe porque começou a atingir o grupo heterossexual? Antes disso era a “praga gay” que estava eliminando os homossexuais? O

título da notícia dá ensejo para muitos questionamentos, todos eles, mesclando fatos de ordem biomédicas (como no caso, da AIDS estar sendo detectada na população heterossexual) e considerações de ordem moral e preconceituosa (como o uso dos termos peste gay para nomear a epidemia no meio homossexual e catástrofe para nomear a epidemia no meio heterossexual).

Figura 5<sup>39</sup>:



A reportagem prosseguiu alertando quanto ao fato de que, como já era previsto, a AIDS pode contaminar qualquer pessoa, de qualquer grupo, seja qual for a sua preferência sexual. Enquanto a doença se restringia apenas ao círculo homossexual não havia a preocupação para com essa população, mas quando a AIDS ameaçou claramente atingir qualquer pessoa e não somente os “folks devils”, é que se tornou motivo de preocupação maior. A reportagem argumentava ainda que os jovens devem aderir ao uso da camisinha em suas relações sexuais e que a educação sexual deveria ser ensinada nas escolas. A preocupação da reportagem foi de alertar que o número de casos de AIDS em heterossexuais estava crescendo exponencialmente, e que as autoridades de saúde deveriam se preocupar com o assunto.

<sup>39</sup> REVISTA VEJA. Edição 949, Editora Abril, 12 de novembro de 1986

Outro corpo de reportagens de 28/01/1987 também vai pela mesma linha de raciocínio das reportagens anteriores “Os governos dos países atingidos pela AIDS tentam, com campanhas públicas, impedir que a moléstia avance sobre os heterossexuais”. Aqui como na reportagem descrita anteriormente, retoma-se o argumento de Daniel e Parker (1991) e a questão do HSH (homens que fazem sexo com outros homens, mas que não compartilham da identidade sexual de gays). Como dito pelo autor, os grupos homossexuais brasileiros não eram fechados (em relação às práticas sexuais) como em outros lugares, fazendo com que a AIDS se espalhasse por todos os grupos da população. Mesmo lembrando que a AIDS atingiu primeiramente apenas os homossexuais, a revista *Veja* expôs a opinião de um médico da Organização Mundial da Saúde que não existia mais grupo de risco, mas sim comportamento de risco. Mais uma vez, é interessante ver aqui que desde 1984 quando o vírus foi identificado e suas formas de transmissão esclarecidas, tecnicamente o mito dos grupos de risco teria terminado. Em 1987 ainda há relutância em aceitar que qualquer um é potencial vítima para contrair o vírus. Por outro lado, a reportagem destaca as mulheres heterossexuais que, conscientes dos riscos que envolvem uma relação sexual, estão elas mesmas comprando preservativos masculinos.

Retomando a obra de Caponi (2012) debatida na primeira parte desse trabalho, pode-se dizer que a ligação entre degenerescência moral e doença pode ser usada para discutir a AIDS, mas em parte. A cada reportagem, pode-se perceber que a revista faz algum tipo de adjetivação negativa, principalmente relacionando a promiscuidade e ao homoerotismo. Por outro lado, isso não vale para o caso de crianças infectadas ou pessoas no geral que foram infectadas em hospitais ou por transfusão de sangue contaminado. Nesse caso, a discussão sobre e a relação entre degenerescência moral e AIDS é válida apenas em parte.

A edição de 07/10/87 discute do risco da contaminação por transfusões de sangue e da exigência que se façam os exames para evitar transfusões de sangue contaminado. Nesse caso, há a apresentação dos infectados “inocentes” no caso, quem contraiu a doença por transfusão de sangue. É exigido, da parte do governo, um controle e diagnóstico rigoroso do sangue que estava sendo doado nos bancos de sangue.

Figura 6<sup>40</sup>:



Em 16/03/88 outra reportagem novamente contrapõe as categorias heterossexual e homossexual. A revista fala de um livro norte americano que apresenta uma pesquisa entre casais “exclusivamente heteros” e completamente fora da zona de risco da AIDS (gays, toxicômanos e hemofílicos) a mesmo assim, traz que mesmo as pessoas com muitos parceiros heterossexuais, 5% dos homens e 7% das mulheres estavam com AIDS. Na edição de 27/04/88 a capa era a educação sexual nos tempos da AIDS. Um assunto de grande importância, dado o fato de que, até os dias de hoje a educação sexual se configura a melhor solução para prevenir o contraimento do vírus HIV.

As edições de 1988 que trouxeram a AIDS como manchete de capa, restringiram-se a falar sobre as dificuldades dos pais em tratar desse assunto para com seus filhos no quesito “educação sexual” e a outra sobre como os infectados pelo vírus estavam agonizando. Sobre as figuras abaixo, o primeiro ponto que se deve notar que, essa edição foi publicada em um momento que se sabia perfeitamente as formas de contaminação do vírus. Novamente, dizer que há alvos preferidos do vírus subentende que o vírus escolhe a pessoa a quem infectar. Vê-se aqui a relação feita pela revista Veja da AIDS com a homossexualidade. Se no momento a AIDS havia infectado mais homossexuais, isso se dava devido ao próprio comportamento que dava ensejo à maior exposição do vírus. Por outro lado, é destacado em

<sup>40</sup> REVISTA VEJA. O medo do contágio. Edição 996, Editora Abril, 07 de outubro de 1987. p. 69

vermelho (como se pode ver na figura 7) que o destaque vai para a taxa de heterossexuais infectados, mais uma vez mostrando que a real preocupação era com os heterossexuais.

Figura 7<sup>41</sup>:

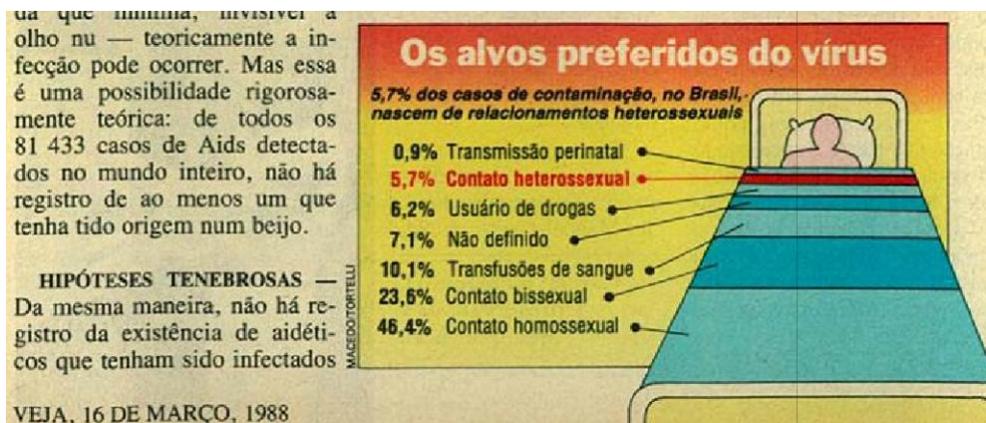


Figura 8<sup>42</sup>:



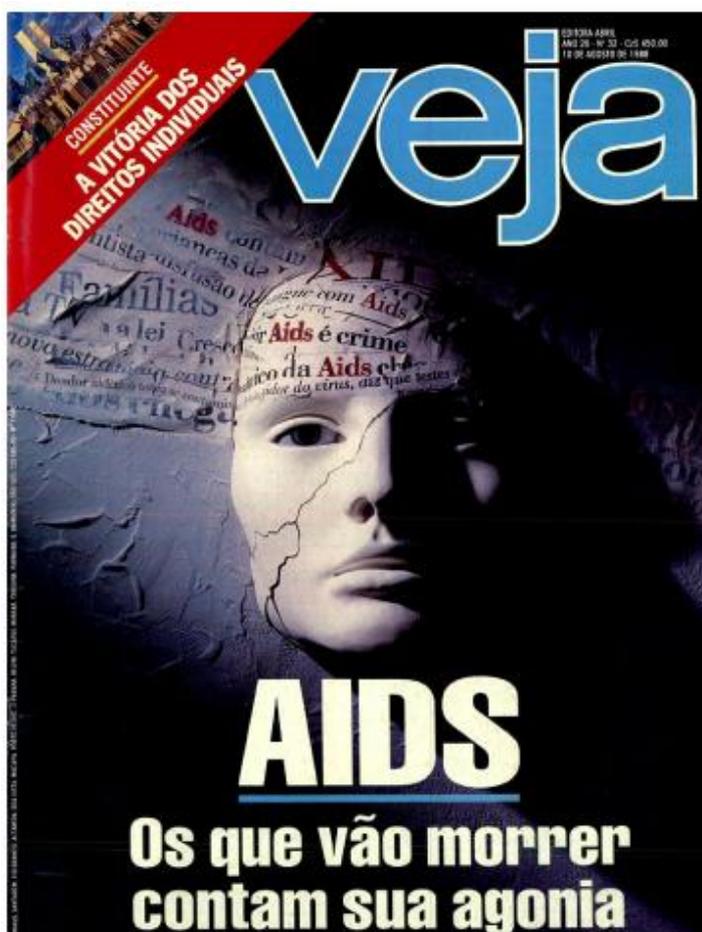
Na edição de 10 de agosto de 88 a capa era: “AIDS: os que vão morrer contam sua agonia”. Na própria capa, há um tipo de face humana e acima se lê - AIDS É CRIME. A criminalização da AIDS e a atribuição dela aos homossexuais faz com que, cada vez mais o discurso da revista Veja se aproxime dos parâmetros sobre o pânico moral postulados por Goode e Ben-Yehuda (2009) criando o inimigo comum da ordem social, no caso, os homossexuais.

<sup>41</sup> REVISTA VEJA. Os alvos preferidos do vírus. Edição 1019, Editora Abril, 16 de março de 1988 p.67

<sup>42</sup> Iden nota 40.

Primeiramente, a reportagem traz a imagem de uma criança com AIDS. Na figura 9 tem como legenda: “A criança, deixada no hospital pela mãe, vira a mascote entre os condenados”. Mais uma vez, existe a alusão religiosa ou jurídica por ter feito algo de errado, impassível de ser perdoado: o condenamento. Apesar da real situação não oferecer nenhuma expectativa de cura e precários métodos terapêuticos, a revista usava o termo condenado para aludir àqueles que tinham contraído o vírus.

Figura<sup>43</sup> 9:



Figura<sup>44</sup> 10:

<sup>43</sup> REVISTA VEJA. Os que vão morrer contam sua agonia. Edição 1040, Editora Abril, 10 de agosto de 1988.

<sup>44</sup> Iden nota 39.

Segundo conta Ilca, os pais dos alunos fizeram um abaixo-assinado exigindo que os garotos fossem expulsos na escola. "Fiquei estarecida", diz. Foi então que ela submeteu os dois filhos menores aos testes anti-Aids, mostrou os resultados negativos à direção da escola e conseguiu manter as crianças matriculadas. "Ninguém quer brincar comigo. As crianças quebram minhas pipas na rua", queixa-se Marquinho, filho do casal. Um desejo de Ilca e Marcos é que seus filhos sejam adotados por outras famílias o mais cedo possível. "Não quero que meus filhos me vejam morrer. Se eles forem adotados por outra pessoa, vão guardar uma boa lembrança da mãe", diz. Para livrar sua família e muitas outras dos preconceitos de que são vítimas, Ilca não vislumbra outra saída senão a do aidético falar abertamente sobre a doença. "Precisamos parar de sombrear as coisas e esclarecer as pessoas sobre o que é a doença e como se pega. Se não fizermos isso, o contágio e o preconceito vão aumentar."

Ilca tem passado seus dias fazendo bonecos de espuma e pano, que costuma guardar ou presentear às poucas pessoas que a visitam. "Eles não são para vender. São um legado para meus filhos e um presente para as pessoas que se importam conosco. Eles guardam um pouco da vida que eu vou perder em breve", diz Ilca. Criada na cidade de Rancharia, no interior de São Paulo, Ilca conserva o sonho de ver o mar. "Aos 35 anos de idade, nunca pisei numa praia", diz ela.

## “A doença é um castigo de Deus,”

A voz grave, pausada e de entonação límpida ainda é a mesma dos tempos em que suas fãs ouvintes contavam-se às centenas em Santo André, cidade da Grande São Paulo. Só a voz. O radiologista Arinaldo de Souza, que com o nome de Ari Souza fez carreira em emissoras de boa penetração em São Paulo, como a Rádio do Grande ABC e a Rádio América, foi abatido pela Aids. Em dezembro do ano passado, quando já longe do rádio produzia shows de música sertaneja em Rondônia, ele foi acometido de um violento desarranjo intestinal. Atendido pelos médicos em Porto Velho, Ari recebeu como diagnóstico anemia, problemas de fígado e o início de artrite, a inflamação das juntas. De volta a São Paulo, como os sintomas não cedessem, Ari procurou de novo orientação médica no Hospital São Paulo, de onde foi encaminhado ao Emílio Ribas com suspeita de câncer ou Aids. Os exames de sangue mostraram a presença do vírus da Aids. "Quando soube, pensei em me matar", diz Ari. "E para ser sincero acho que estou só adiando isso."

Desde abriu, quando soube que estava infectado, a vida de Ari Souza está em frangalhos. Sem forças para continuar produzindo seus shows e para tentar de novo uma vaga como locutor de FM, ele teve que

abandonar o sobrado de dois andares em que vivia em Santo André e refugiar-se na casa de um único cômodo que seu pai tem na periferia da cidade. Ainda mais magro — ele sempre foi de complexão franzina —, com a artrite agravada e tosses constantes, Ari precisou ficar internado quase um mês no Hospital Emílio Ribas. "Tenho saudades do tempo em que comandava o programa *Juventude Sertaneja*", lembra. "Era um tempo em que o dinheiro e a saúde sobravam. Tinha meu carro e adorava reunir os amigos para jantarmos fora. Hoje fico olhando os discos que lancei e não tenho dinheiro nem para comprar os remédios." Seu pai, Juvêncio Pereira de Souza, fiscal de jardins da prefeitura de Santo André, sustenta o filho com o míngua salário de 32 000 cruzados mensais.

NO COLO — O pai de Ari pouco sabe sobre a Aids — além de que ela mina as forças de seu filho — e está convencido de que a doença pode ser revertida. "Tenho fé em que ele vai ficar bom", diz Juvêncio. "Da última vez que ele teve de ir para o hospital foi no colo porque não conseguiu andar. Agora ele já está melhor." O pai tomou-se a bóia que mantém Ari à tona. Antes de sair para o trabalho às 5 da manhã, Juvêncio prepara o

VEJA, 10 DE AGOSTO, 1988

75

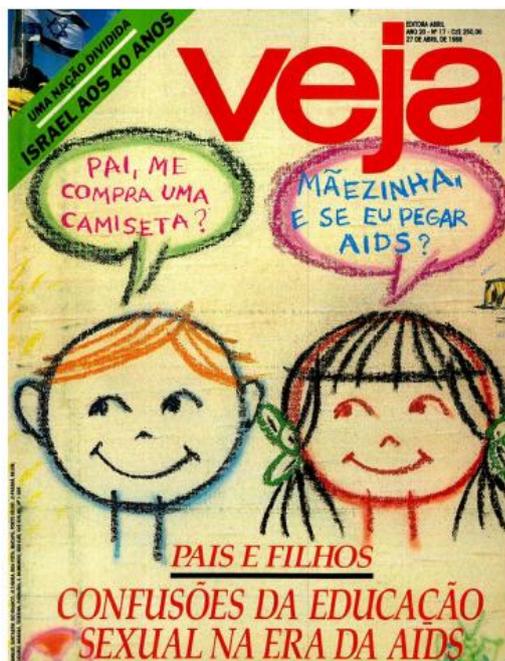
Figura<sup>45</sup> 11:



Figura<sup>46</sup> 12:

<sup>45</sup> Iden nota 39

<sup>46</sup> REVISTA VEJA. Pais e Filhos: confusões na educação sexual na era da AIDS. Edição 1025, Editora Abril, 27 de abril de 1988.



Percebe-se também, no caso dos gráficos apresentados ao longo de três anos pela revista *Veja*, que apesar de citada a fonte oficial (ministério da saúde) são citados, por 2 vezes (figuras 14 e 15) elementos gráficos como palavras de efeito reportando-se a AIDS como se fosse “O Mal”- em 7 de outubro de 1987 e 10 de agosto de 1988.

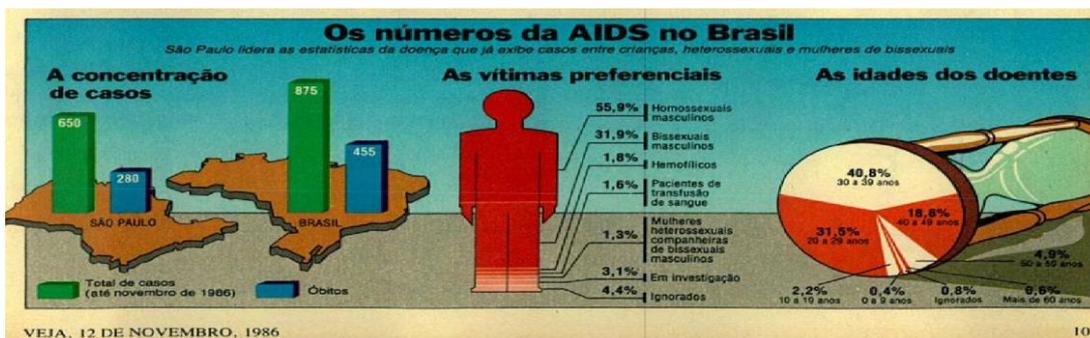
Figura 13<sup>47</sup>:



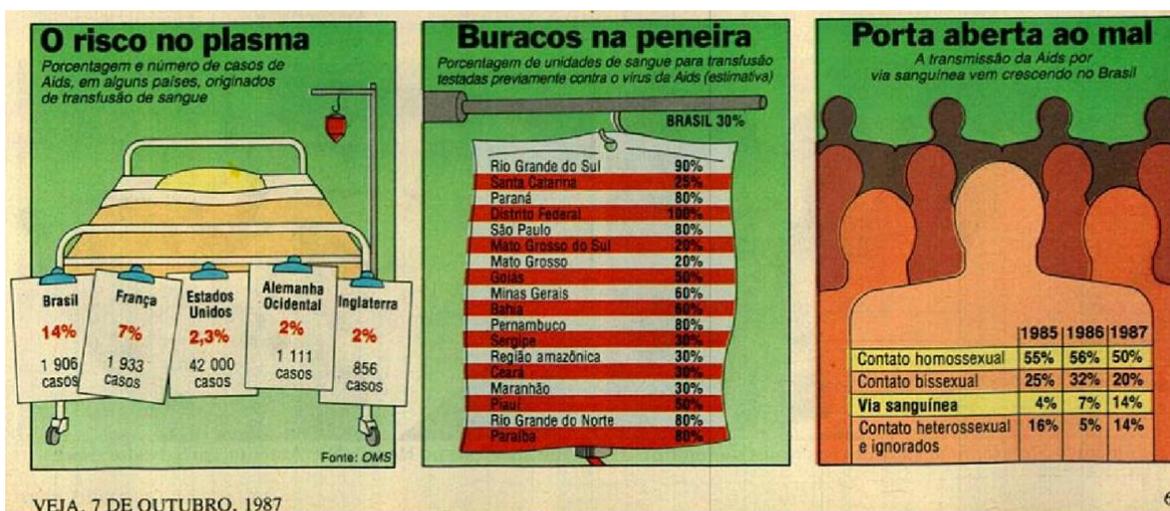
Figura 14<sup>48</sup>:

<sup>47</sup> REVISTA VEJA. As portas para o mal. Edição 1040, Editora Abril, 10 de agosto de 1988. p. 70

<sup>48</sup> REVISTA VEJA. Edição 499, Editora Abril, 12 de novembro de 1986.



Figura<sup>49</sup> 15:

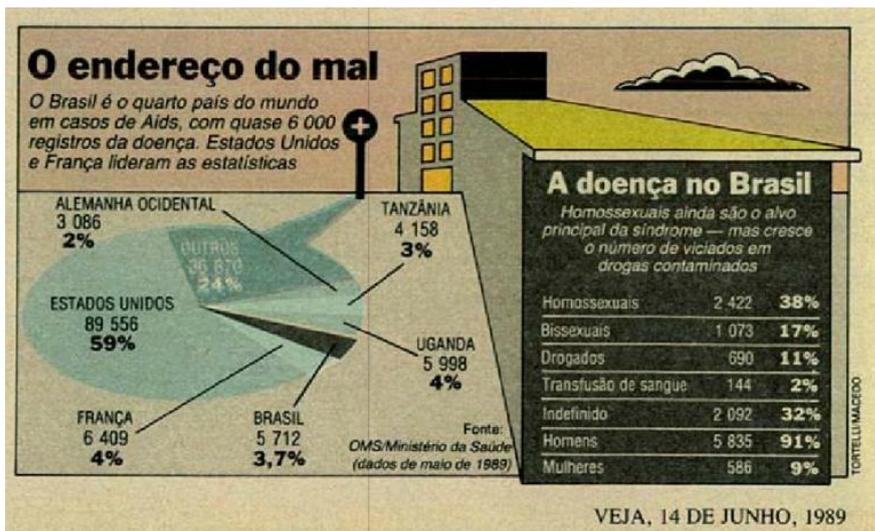


Na edição de 14 de junho de 1989, uma reportagem trazia informações sobre um congresso internacional sobre AIDS. Mesmo tendo aumentado os conhecimentos sobre a doença, investimentos, testes com medicamentos, a cura é apontada pela revista como algo ainda longínquo. Passado quase uma década desde a primeira aparição de AIDS no NY Times, e depois de passar por nomenclaturas como peste gay, a doença ainda era retradada como O Mal, mesmo sabendo as formas de transmissão do vírus ainda era vinculado à homossexualidade. No caso da imagem abaixo (figura 16) o “endereço do mal” claramente não diz somente respeito ao lugar físico ou aos países que mais apresentam infectados, mas sim, ao corpo dos homossexuais. Relacionando este fato com os parâmetros de Goode e Ben-Yehuda (2009) no que se refere ao “certo nível de consenso sobre a natureza da ameaça”, pode-se dizer que, no caso, a natureza da ameaça (no caso aqui a disseminação da AIDS)

<sup>49</sup> REVISTA VEJA. O medo do contágio. Edição 996, Editora Abril, 7 de outubro de 1987.

eram os homossexuais. Como se pode notar também na tabela anterior, o percentual de outros, ou indeferidos é muito elevado. No caso abaixo são 32% de indeferidos contra 38% de homossexuais. O percentual de homens e mulheres heterossexuais não é apresentado, focalizando os dados exclusivamente para os estigmatizados como drogados, bissexuais e gays.

Figura 16<sup>50</sup>:

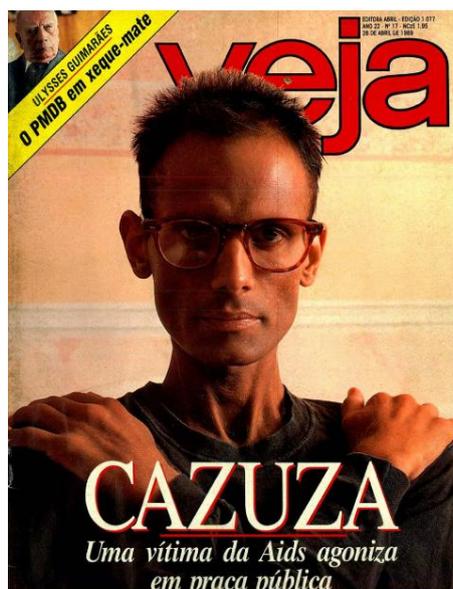


Em 1989, sem dúvida, a mais significativa edição que traz a AIDS é quando o cantor Cazuza aparece na capa. Magro e com os braços cruzados sobre o corpo, a mensagem era clara: ele estava morrendo. “Cazuza: uma vítima da AIDS agoniza em praça pública”. Muito conhecido no Brasil e por ter se apresentado nas grandes empresas de televisão, a imagem é chocante (figura 17). A reportagem que segue, conta rapidamente a sua trajetória artística, seus hábitos sexuais, histórico de uso de entorpecentes, e seus dias como soropositivo. A entrevista feita em sua casa mostrava também o sofrimento da família.

Figura<sup>51</sup> 17:

<sup>50</sup> REVISTA VEJA. O endereço do mal. Edição 1083, Editora Abril, 14 de junho de 1989. p.80.

<sup>51</sup> REVISTA VEJA. Cazuza: uma vítima da AIDS agoniza em praça pública. Edição 1077, Editora Abril, 26 de abril de 1989.



Em resumo, podem-se dizer a que o corpo de reportagens da Revista Veja no que concerne à apresentação do HIV/AIDS na década de 1980, dividiu-se em dois grandes blocos. O primeiro é a fase do vírus enigma e o segundo como a fase do vírus como o Mal.

No que se refere ao primeiro ponto, a AIDS (que ainda não tinha esse nome) as reportagens ficavam na controvérsia entre cientistas, na incerteza sobre qual seria o futuro do vírus, da preocupação referente ao fato de que os homossexuais apresentarem um quadro epidemiológico desconhecido e que matava rápido, por isso o termo peste gay. O segundo momento que concerne de 1985 a diante, quando a AIDS passa a ser noticiada com mais frequência, é preciso ressaltar que a preocupação que a revista teve de mostrar todos os lados (incluindo os polêmicos) da epidemia. Primeiramente, a exigência de que o Estado cumpra seu papel em cuidar dos cidadãos, o despreparo dos hospitais em receberem os pacientes, o drama dos pacientes que contraíram o vírus por transfusão de sangue e por contato sexual, etc. Nessa fase o vírus deixa de ser considerado um enigma, mas continua a ser atribuído quase que exclusivamente aos gays, nesse ponto, houve a utilização de um termo de ordem epidemiológica para caracterizar moralmente os portadores do vírus. Como podemos ver nos gráficos apresentados anteriormente, a própria denominação O Mal (termo utilizado para caracterizar as pestes da Idade Média) traz consigo carga de culpa e vergonha.

Tanto Delumeau (2008) quanto Foucault (2001) apontam para as “continuidades e ressurgências” provocadas por acontecimentos de doenças coletivas e ansiedade pública. No caso, os termos que usaram para atribuir significado a AIDS foram provenientes de outros

contextos históricos, mas como ferramenta de produção de sentido as designações como peste gay e o Mal serviram de maneira efetiva. Pode-se compreender, tomando o conceito de empresários\empreendedores morais dos teóricos Goode e Ben-Yehuda (2009), que a revista Veja defendeu uma postura de preocupação para que a doença não avançasse sobre a população heterossexual.

A divisão hetero e homossexual é nítida nos gráficos apresentados. Praticamente a única clivagem populacional feita, mesmo depois dos cientistas afirmarem que preferências eróticas não são determinantes, mas sim ato sexual desprotegido ou troca de fluidos corporais. Neste caso, a distinção entre “Nós e Eles” garante a total separação. O que não se contava era com a própria configuração da sexualidade brasileira, como apontou Daniel e Parker (1991), a categoria HSH propiciou que a clivagem “Nós e Eles” fosse pouco eficaz. As reportagens que foram levadas em consideração nota-se também que a problemática da educação sexual vem à tona, assim como a inércia do sistema público de saúde.

Considerando as imagens vistas aqui, muitas reportam-se diretamente a homossexualidade como componente ligado diretamente a AIDS. Os termos como ‘catástrofe’, ‘o mal’, ‘peste gay’ aparecem em seis dessas imagens. A imagem 7 pontua os termo “alvos preferidos do vírus” (considera-se que é um gráfico apresentado em 1988) e a imagem 16 “O endereço do Mal” (esse gráfico de 1989). A noção de alvos preferidos do vírus (como se ele fosse um agente dotado de vontade) no que diz respeito à contaminação de um vírus é completamente contrária ao que a própria ciência pontuava no que se refere à contaminação. Não restam dúvidas de que, mesmo depois de esclarecidas as formas de contágio do vírus a revista continuou atribuindo diretamente a AIDS aos homossexuais. Vê-se por exemplo na figura 16 que, o índice de porcentagem de contaminação do homossexuais é de 38% ao passo que, no mesmo gráfico apresenta que 32% aos indefinidos. Ou seja, estatisticamente a categoria “indefinido” usada pela revista é quase tão expressiva quanto a de homossexuais. Atenta-se também para o fato de a categoria heterossexual pouco aparecer nos gráficos. As categorias postuladas por Goode e Ben-Yehuda (2009) são relevantes para compreender essa imagem em específico. É visível a criação do que os autores chamam de folks devils pelo fato de que atribui como sendo os principais disseminadores desse mal social: os homossexuais.

Termos usados nas figuras 13 “As portas para o Mal” e 11 “Mascote entre os condenados” podem ser pensadas a partir das categorias dos autores, a categoria de

hostilidade, consenso da origem da ameaça e preocupação para com as proporções que a doença tomaria com o passar do tempo. A figura 9, com a frase escrita sobre a testa “AIDS é crime” é uma mensagem clara sobre o que se pensava da AIDS.

A figura 9 apresenta uma capa onde se lê: “AIDS - os que vão morrer contam sua agonia” há a correlação entre AIDS e morte. Nesse exemplo mostra a preocupação não só da revista, mas de toda a sociedade pelo fato de que, naquele momento a AIDS estava ainda fora de controle e ceifava vidas. A figura 12 trata do assunto mais importante e mais eficaz no tratamento a AIDS: a informação e a educação. No decorrer da reportagem, a revista publicou entrevistas com pais e filhos e de que forma a educação de jovens estava sendo feita. Mostrava também os próprios limites de conhecimento dos pais e das escolas para lidar com esse assunto.

A partir da análise de conteúdo feita e do quadro teórico e Goode e Ben-Yehuda, é possível afirmar que no caso da epidemia de AIDS houve a formação de pânico moral pelo fato de que as reportagens que tratavam da AIDS relacionaram a epidemia diretamente a população homossexual fazendo uso de termos alheios ao discurso biomédico para caracterizar a epidemia e a população infectada. Mesmo tratando-se de um assunto ocorrido há mais de 30 anos, é possível compreender aspectos sociais contemporâneos como medo das epidemias, preconceito, práticas sexuais, políticas públicas de saúde, etc.

### **Considerações finais**

No mundo todo, a AIDS trouxe preocupação a todos. Pessoas famosas em seus respectivos campos morreram nas décadas de 1980-1990 por consequência do vírus da AIDS, dentre eles Freddie Mercury, Michel Foucault, Cazusa, Renato Russo tornaram a doença conhecida e motivo de preocupação por parte de todos.

A partir das obras que foram revisadas na primeira parte desse estudo e da análise da revista Veja, pode-se identificar também a emergência de um discurso moralizante que continha elementos oriundos da Idade Média que associa degenerações morais, associado aqui à homossexualidade masculina, à predisposição no caso à infecção da AIDS. A ligação feita dos indivíduos infectados pelo vírus apontava entre o “pecado”, associando a homossexualidade com o termo “peste” ligado ao castigo divino.

O empreendimento dessa pesquisa deu-se com base nos materiais coletados no próprio site da revista e das teorias sociológicas que foram utilizadas para compreender o conteúdo das reportagens da revista *Veja*. O conceito de pânico moral, inicialmente postulado por Cohen (1972) - membro intelectual do Interacionismo Simbólico - trouxe à pesquisa uma possibilidade de análise produtiva do ponto de vista sociológico de como os meios de comunicação apresentam os problemas sociais contemporâneos.

A partir dos quadros e gráficos apresentados aqui, pode-se concluir que os parâmetros para identificação do pânico moral postulados por Goode e Ben-Yehuda (2009) - ansiedade, hostilidade em relação a um grupo específico, delimitação de estereótipos e consenso, desproporção e volatilidade, podem ser identificados nas reportagens sobre AIDS da *Veja* na década de 1980.

## Bibliografia

AIKEN, L.; FOX, R. C.; MESSIKOMER, C. **The culture of caring: Aids and the nursing profession.** In: Nelkin, Dorothy; Willis, David P.; Parris, Scott V. (Ed.). *A disease of society: cultural and institutional responses to Aids.* Cambridge: Cambridge University Press, 1991. p.119-149.

BARATA, R. Epidemias. **Caderno de Saúde Pública,** Rio de Janeiro , v. 3, n. 1, Mar. 1987.

Bauer, M. W. Aarts, B. A construção de um corpus : um princípio para a coleta de dados qualitativos. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático.** Petrópolis: 7 edição, Editora Vozes, 2008.

BERTOLLI FILHO, C. **História Social da Tuberculose e do Tuberculoso: 1900-1950** / Claudio Bertolli Filho. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2001.

CAPONI, S. **Loucos e degenerados: uma genealogia da psiquiatria ampliada.** Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2012.

CARRARA, S. MORAES, C. Um vírus não faz epidemia. Rio de Janeiro: **Comunicação do ISER;**; ano 4, nº17, 1985.

\_\_\_\_\_ Um mal de folhetim. Rio de Janeiro: **Comunicação do ISER;**; ano 4, nº17, 1985.

CHRISTOPHER, R. **As maravilhas da medicina.** São Paulo: Dois Mundos, 1950.

COHEN, S. **Folk Ddevils and Moral Panics: The Creation of Mods and Rockers.** London, MacGibbon & Kee, 1972.

COSTA, A. H. C. Homens que fazem sexo com homens (HSH): uma categoria, muitos significados. In: **SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA,** 25. 2009, Fortaleza. Anais do XXV Simpósio Nacional de História – História e Ética. Fortaleza: ANPUH, 2009.

DANIEL, H.; PARKER, R. **AIDS, a terceira epidemia: ensaios e tentativas.** São Paulo, Ed. Iglu, 1991.

DELUMEAU, J. **História do medo no ocidente 1300-1800**: uma cidade sitiada. São Paulo: Companhia das letras, 2009.

FOUCAUL, M. **História da Sexualidade I**: a vontade de saber. 3 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

\_\_\_\_\_. **Em defesa da sociedade**: curso no Collège de France (1975-1976) São Paulo, Martins Fontes, 1999.

GALVÃO, J. **AIDS no Brasil**: A Agenda de Construção de uma Epidemia. Rio de Janeiro: Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS/São Paulo: Editora 34, 2000.

GOODE, E.; BEM-YEHUDA, N. **Moral Panic**: The social construction of deviance. Oxford, Editora Wiley-Blackwell, 2009.

HOBBSBAWM, E. **Era dos Extremos – O Breve Século XX: 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

LIMA SOARES, R. Aids na imprensa: escritos do jornal folha de São Paulo. **Interface** - Comunicação, Saúde, Educação, v. 2, n.2, 1998.

LUIZ, O.C. Jornalismo científico e risco epidemiológico. **Ciência e saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 3, 2007.

POLLAK, Michael. **Os homossexuais e a AIDS**: sociologia de uma epidemia. São Paulo: Estação Liberdade, 1990.

RICHARDS, J. Sexo, desvio e danação: as minorias na Idade Média. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993.

SONTAG, S. **A doença como metáfora**: a AIDS como metáfora. São Paulo, Companhia das letras, 2007.

THOMPSON. K **Moral Panics**. London, Routledge. 1998.